

PEYROTEO

INTERNACIONAL

Fogoso avançado-
-centro do Sporting

(foto Nunes d'Almeida)

Stadium

N.º 61 ★ 2 de Fevereiro de 1944



Para entreter, enquanto as pistas descansam

II — A cartilha dos lançadores do peso

Notas técnicas por SALAZAR CARREIRA

A errada interpretação das qualidades essenciais para o lançamento do peso manifesta-se com frequência no próprio critério de escolha dos candidatos a atletas, orientados para a modalidade; todos os indivíduos volumosos, com aparência de força e evidente insuficiência de agilidade para qualquer outro exercício, são consagrados dogmáticamente lançadores do peso.

Final, apura-se que este lançamento é essencialmente um exercício de velocidade, cujos resultados dependem muito mais da rapidez de trabalho dos extensores do braço do que da respectiva força estática, e muito mais da agilidade e coordenação do que do peso e poder do lançador.

É por esta razão que o aprendiz da especialidade, logo na primeira página da sua cartilha, a modos de prefácio, encontra escrito: *Se queres progredir no lançamento do peso cuida mais da tua rapidez e habilidade musculares*

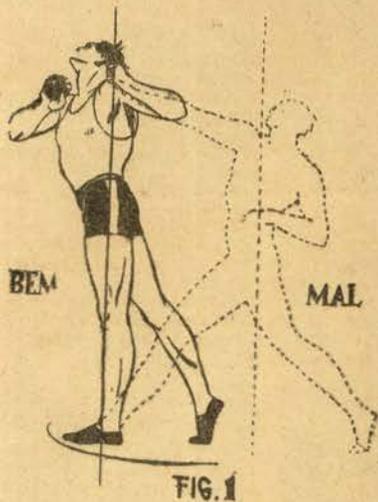


FIG. 1

do que de desenvolver uma força que, sem essas virtudes, não te serve para nada.

Conheci homens fortíssimos, capazes de levantar nos braços pesos formidáveis — Francisco Padinha, por exemplo — e que, no entanto, nunca conseguiram atirar a esfera de ferro além de distâncias puramente ridículas para o seu poder atlético; isto porque as enormes massas musculares, habituadas à contracção lenta para erguer e sustentar os halteres, eram incapazes de desempenhar o trabalho rápido, de catapulta, que exige da mão o peso animado da força viva necessária para ir longe.

— Se o nosso «caloiro» lançador volta a página da cartilha, em busca dos ensinamentos técnicos propriamente ditos, o primeiro preceito que lê diz-lhe assim: *Aprende bem a lançar sem balanço e só depois deves executar o exercício completo.*

O balanço preparatório, ao longo do diâmetro do círculo, conduz o lançador ao ponto de projecção na posição precisa do lançamento sem balanço e a série de movimentos coordenados que se segue é idêntica nos dois casos; o balanço é mais uma dificuldade que o aprendiz encontra na execução do exercício e que o obriga a maior número de erros, se não estiver seguro da técnica subsequente. Até os lançadores experimentados devem incluir sempre nas sessões de treino alguns lançamentos a pé firme.

Prossigamos na leitura da cartilha: *O objectivo directo da tua preparação é aprender a atirar melhor; não queiras atirar mais longe antes de saberes atirar bem.*

Todos os novos têm a preocupação dominante do progresso e, como não avaliam materialmente a evolução do aperfeiçoamento, procuram sobretudo fiscalizar o aumento da distância a que foi cair o peso. É um erro enorme, porque a força intervém em detrimento do gesto, se adquirem pelo hábito defeitos incorrigíveis e se sacrificam a uma satisfação eventual todas as possibilidades futuras. O treinador deve contrariar estas tendências dos principiantes, proibindo-lhes, inclusivamente, que marquem o ponto de queda do peso e pratiquem medições.

Para aprender a técnica do lançamento não é preciso empregar muita força, apressando a fadiga; nas sessões de aprendizagem é mais importante o número de tentativas do que a intensidade de cada uma delas. Pela mesma razão se aconselha o empregado de uma esfera muito mas leve do que a regulamentar.

O esforço de impulsão do peso começa na perna direita, é transmitido pelo esforço dorso-lombar até ao avanço máximo do ombro — e só então o braço intervém como uma mola que se estende.

No nosso livro «Atletismo» escrevemos: «A acção do braço deve ser apoiada por todo o peso do corpo, motivo porque é indispensável que as pernas e o tronco estejam já em completa extensão e o centro de gravidade se adiante ligeiramente à base de apoio do pé da frente.»

Este princípio fundamental, praticamente traçado pelo esquema n.º 1, constitui a primeira fase e a mais importante do estudo da dinâmica do lançamento: compreende a sequência de acções musculares que, desde a posição posterior e inferior (ombro direito descido e rodado para a esquerda), conduzem o lançador à posição avançada e facial do sentido da projecção que serve de apoio à chicotada final do braço.

Para que esta seja aplicada em condições favoráveis, é indispensável que encontre o ombro avançado, o centro de gravidade caindo adiantado ao ponto de apoio e o peso do tronco fazendo sólida opposição ao esforço muscular do braço; tudo quanto se faça em contrário é aplicado em falso.

O estudo desta fase de distorsão e progresso postero-superior do ombro portador do peso, deve ser feito de início, sem a esfera na

mão e sem a extensão do braço, lentamente, para coordenar as sucessivas manobras (extensão da perna direita, avanço da bacia, extensão do tronco, recuo e descida do cotovelo esquerdo) e depois em crescente rapidez a acompanhar a melhor interpretação do complexo movimento.

No período seguinte de ensino, usando já um peso de três ou quatro quilos, é utilíssimo praticar o lançamento sem balanço e conservando a mão encostada ao ombro, isto é, apenas pelo impulso da perna, do tronco e da projecção do ombro para diante pelo sacão posterior do cotovelo esquerdo. Como é às vezes muito difícil impedir a reflexa de ajuda à saída do peso com ligeiro impulso extensivo do braço, aconselhamos prender a mão ao ombro com uma ligadura, que envolva braço e antebraço mas não seja muito apertada (Fig. 2).

— *Quando largares o peso da mão deves ter os dois pés em apoio no solo e acompanhá-lo com o olhar, como se quiseses empurrá-lo ainda com a vontade nele impressa.*

É defeito vulgaríssimo nos principiantes baixar a cabeça e flectir o corpo para a esquerda, quando projectam o peso no ar: mano-



FIG. 2

bra errada, que prejudica o esforço de impulsão, porque destrói a solidez do bloco oponente à extensão do braço. Para corrigir esta tendência, costumamos recomendar aos meus discípulos que fixem a vista no peso desde que ele é despedido da mão, como se quisessem guiá-lo no seu voo.

— *Quando começares a lançar com balanço, fica ciente que todas as oscilações da perna esquerda, antes do início da translação pelo círculo, são de nulo efeito como impulsoras.*

O espectáculo de um lançador de peso colocado no extremo do círculo e preparando a sua deslocação com sucessivos lançamentos enérgicos da perna esquerda para cima e para baixo, ou complicadas evoluções com a mesma perna em diversos sentidos laterais — muito vulgar nas pistas portuguesas — é a imediata indicação de perfeita inconsciência de execução e completa ignorância da finalidade de cada movimento. A acção propriamente activa do lançamento começa na oscilação da perna à rectaguarda, que antecede o desequilíbrio do corpo para diante, tracção da perna esquerda e impulso da direita para o progresso no círculo. Todos os movimentos precedentes são simples manobras de equilíbrio e preparatórios da concentração da vontade; por conseguinte devem executar-se sem esforço muscular, sem contracturas sinérgicas contraproducentes nem movimentos bruscos ou desviados da linha de progresso, que provocariam apenas desequilíbrio e desvio da atenção.

— *O peso não se agarra com os dedos; sómente assenta sobre a base dos dedos reunidos em concha. O peso não tem contacto com a palma da mão.*

Se os dedos agarram o peso entravam a sua saída da mão: se o peso assenta sobre a palma da mão fica impedido o aproveitamento final do impulso dos músculos do antebraço, flexores da mão. Para conseguir perfeito à vontade no manejo do peso devem praticar-se, durante as sessões de treino, diversos exercícios de «jonglage», esquematizados alguns nos desenhos da fig. 3.



LUGAR AOS NOVOS!

EXIGE MÁRIO DE NORONHA

nas vésperas de abandonar o cargo de presidente da Federação Portuguesa de Esgrima

A direcção da Federação Portuguesa de Esgrima está demissionária. No dia 10 deste mês prestará contas dos seus actos à assembleia geral e cederá o lugar de boa vontade a quem quiser ou tiver empenho em ocupá-lo. Nós — vamos nos embora!

Assim se exprimiu, logo de entrada, o sr. Mário de Noronha, actual presidente da F.P.E., quando há dias o interrogámos sobre o andamento dos trabalhos. E continuou:

«O meu amigo assistiu à reunião dos delegados e dos sócios, por nós convocada para verificar se era possível encontrar a solução do problema grave com que a esgrima presentemente se debate. Afinal, nada se conseguiu... Ficou tudo na mesma, para não dizer que ficou tudo pior. Isto ainda mais magou e aborreceu os poucos directores que até então, de quando em quando, apareciam para trabalhar. E a razão é muito simples: é que embora muita gente julgue o contrário, a direcção de que fiz parte, apesar de reduzida a menos de metade dos seus componentes, fez tudo quanto era possível para desempenhar cabalmente a missão de que foi incumbida.

«Assim, tentámos primeiramente solucionar, de modo honroso para ambas as partes, o desentendimento que deu origem ao pedido de demissão apresentado por dois esgrimistas do C. N. E. Todas as diligências foram baldadas e a questão continua insolúvel, com evidente prejuízo para a modalidade.

«Mercê da maneira primorosa como estava montado o serviço de secretaria, facto que me permite render os maiores elogios ao secretário geral da direcção transacta, sr. Avelar Machado, pudemos seguir negociações pendentes, manter correspondência com organismos nacionais e estrangeiros, elaborar um bom calendário de provas, seguir e fiscalizar a execução de regulamentos, etc.

O II Portugal-França à espada

«As negociações pendentes referiam-se ao projectado encontro Portugal-França e ao convite de filiação na Liga Europeia de Esgrima.

FALA A A. F. L.

O CAMPEONATO DE JUNIORES E O LISBOA-SEVILHA

O campeonato de Juniores é sem dúvida uma prova de inegável interesse no futebol nacional. Em épocas anteriores, os torneios efectuados despertaram entusiasmo e rodearam-se do necessário ambiente para impôr a idéia. Por isso a Associação de Futebol de Lisboa dedica esta época à prova a melhor atenção — e o seu início estava só dependente da respectiva autorização da Direcção Geral de Desportos, que já foi concedida, não só para se efectuarem os campeonatos distritais como o nacional.

No entanto, estas provas, segundo a indicação daquele organismo, são reservadas a menores dos 17 aos 19 anos e cada jogo terá a duração de 60 minutos, com duas partes iguais, separadas por um intervalo de cinco minutos, devendo os encontros ser disputados em campos de dimensões mínimas.

A oportunidade destas informações levou-nos até ao gabinete da direcção da A. F. L., onde o sr. Travassos Tavares gentilmente nos recebeu e se prontificou a dar-nos alguns pormenores de interesse sobre este assunto e outros, levantados a propósito na nossa rápida conversa.

— A autorização da D. G. D., consentindo os campeonatos de Juniores com elementos dos 17 aos 19 anos, vem auxiliar a propagação do futebol e permitir colocar a idade dos jogadores mais em harmonia com a finalidade e categoria da prova — diz-nos o activo secretário geral da A. F. L., para acrescentar:

— O interesse destes campeonatos mantém-se com desportistas que, não sendo novos na idade, são novos como jogadores.

— E os inscritos estavam na idade indicada agora pela Direcção Geral?

— Não. Todas as inscrições eram de jogadores entre os 19 e os 21 anos, julho, no entanto que os clubes têm elementos para esta substituição.

— E sobre os jogos em campos com as dimensões mínimas?

— Segundo as regras internacionais, o mi-

«A realização deste encontro esteve apazada tendo-nos até a Federação francesa comunicado os nomes dos seus representantes. Infelizmente, a despeito de envidarmos os maiores esforços e do empenho manifestado pelo Comité Olímpico Português, não conseguimos obter das autoridades alemãs a necessária autorização para que os esgrimistas franceses pudessem vir ao nosso país. E, desta maneira, o «match» teve de ser adiado para melhor oportunidade.

«Quanto à filiação que nos foi pedida na Liga Europeia de Esgrima, resolvemos responder negativamente, porquanto desconhecíamos em absoluto quais os projectos e a actividade deste organismo.

«Mantivemos correspondência com as delegações oficiais do Porto e de Lourenço Marques e, bem assim, com todas as salas filiadas.

«A delegação do Porto demitiu-se e nem mesmo com a minha visita pessoal àquela cidade foi possível resolver o assunto, confiando a outros pessoas o encargo de organizar os campeonatos regionais. Por via disso, durante o ano findo apenas o Sport Clube do Porto manteve actividade digna do maior encômio, da qual nos deu excelentes provas, pois enviou a Lisboa um grupo de bons atiradores, que tomou parte no torneio de terceiras categorias e na taça que tem o nome daquela sala de armas.

«Embora ainda não tivéssemos recebido nota dos respectivos resultados, sabemos que

nimo dos mínimos indicado para os campos de futebol é de 90x45. Os mínimos internacionais estão fixados em 100x64.

«Já em devido tempo a Federação Portuguesa de Futebol resolveu uniformizar as dimensões dos campos dos clubes da 1.ª divisão, fixando-os na marca internacional de 100x64. Para tal foi concedido um período transitório em 1941-42, que no entanto ficou em suspenso.

— E as medidas dos campos dos concorrentes ao campeonato de Juniores estão nas dimensões mínimas?

— Excepto o do Fosforos, que mede 90x60, todos os clubes da 1.ª divisão estão na marca 100x64. O da casa Pia mede 90x52 e o do Marvilense 91x50. Existe pois diversidade de medidas nos campos dos concorrentes e este aspecto tem de ser ponderado logo que sejamos informados das medidas mínimas indicadas pela D. G. D., tanto mais que há a conveniência dos jogos serem disputados antes dos desafios do campeonato nacional, para despertar o interesse do público e aclimatar os novos jogadores ao ambiente das grandes assistências.

— Sobre os outros campeonatos?

— Desistindo de efectuar a taça «Francisco Stromp», por só se terem inscrito três concorrentes, começou a jogar-se a taça «Artur José Pereira», para «re-erva». O campeonato da promoção, que pela última vez se disputará, tem este ano apenas 6 concorrentes. O campeonato popular está em estudo.

— E o Lisboa-Sevilha?

— Vemos comprometida a sua realização. Em face das negociações feitas com o organismo sevilhano, tudo parecia indicar que o encontro se efectuariá na data indicada. No não ter pedida a confirmação oficial até 27 de Janeiro, ela não chegou, segundo cremos portanto não sendo conseguida a necessária autorização da Delegação Nacional dos Desportos do país vizinho. Assim, a data reservada para o jogo com a selecção de Sevilha será aproveitada para efectuar o do clássico Porto-Lisboa.

a delegação de Lourenço Marques continuou e continua a trabalhar com entusiasmo, promovendo com frequência a disputa de campeonatos às três armas.

O calendário de provas

«Segundo o critério dos anos anteriores, elaborámos um magnífico calendário de provas. Dêle fazia parte o torneio de florete entre escolas secundárias, mas, a pedido da «Mocidade Portuguesa», cedemos-lhe a respectiva organização. A prova de terceiras categorias, nesta arma, reuniu elevado número de atradores, mas já o mesmo não sucedeu com a de segunda categoria, a qual não pôde efectuar-se por falta de inscrições. A seguir disputou-se o campeonato nacional, que decorreu muito animado.

«O programa estipulava depois a realização dos torneios de sabre; devido ao aprazamento de data para o encontro Portugal-França, resolvemos adiá-los e começar imediatamente a preparação da equipa nacional de espada.

«Fizemos então os torneios de apreciação, aos quais se seguiram os de categorias e o campeonato nacional.

«Malgradas as negociações para a vinda da equipa francesa, tal facto não impediu que se efectuassem outras competições. E, assim, podemos dizer que se organizaram torneios para disputa das taças «Sport Clube do Porto», «Avelar Machado» e «Costa do Sol».

«Confessamos que, se mais não fizemos, foi porque, humanamente, maior esforço se não podia pedir, neste capítulo, aos poucos directores em exercício.

A filiação da «Mocidade Portuguesa»

«Depois de profícuos esforços e continuando o trabalho dos nossos antecessores, conseguimos obter a filiação da «Mocidade Portuguesa», embora condicionada, quer dizer, sujeita às restrições que se relacionam com a sua estrutura orgânica.

«Regularizem-se assim uma situação delicada e não devemos esquecer que para isso muito contribuiu a boa vontade do sr. dr. Marcelo Caetano, ilustre Comissário Geral daquele organismo, e do sr. capitão Campos de Andrade, director do respectivo centro especializado de esgrima.

«Além de tudo quanto atrás aponto e que representa apreciável tarefa e a consagração de muitas e muitas horas à defesa dos interesses da modalidade, tivemos de tratar da organização de juria, confecção de licenças, elaboração de comunicados para as salas e para a Imprensa. Todo ou quasi todo este labor recaiu no secretário geral, o sr. D. António de Almeida, a cujas qualidades e espírito de sacrificio rendo as maiores homenagens.

«E aqui tem, meu amigo, relatado a traços largos, tudo quanto fez a direcção a que presidi, ou, por outras palavras, tudo quanto fizeram os directores que se mantiveram nos seus lugares até o começo deste ano.

Impõe-se a renovação da esgrima

«Em minha opinião, urge mudar quanto antes de processos e de gente — se quiserem que a esgrima continue a marcar posição de relevo no meio desportivo nacional e internacional.

«Não podemos continuar agarrados ao passado e a socorremos nos das glórias antigas. Tive ocasião de verificar que o nível técnico não baixou muito. Posso dizer bem alto que,

(Conclui na pág. 11)

COMO JACK JOHNSON DERROTOU JIM JEFFRIES

Os preliminares do combate

RECONSTITUIÇÃO de RAFAEL BARRADAS

JACK JOHNSON, o vencedor do combate de Sidney, esquecera de propósito a elegância e as boas maneiras desportivas. No decurso dos assaltos corajosamente conduzidos por Tommy Burns — que lhe era, fisicamente, tão inferior — comportou-se como qualquer cavaleiro medieval encarregado de vingar a honra de sua dama — a raça negra — pelo muito sofrimento e vexames sofridos como escrava.

«Tu não me farás, de ora à frente, descer do passeio!» — eis o estribillo repetido sem cessar e endereçado ao antagonista. E como Tommy Burns já mais houvesse tido ocasião de fazê-lo, tanto o público como a imprensa compreenderam bem que Johnson, antes de mais nada, tinha em vista admoestar a raça branca e castigá-la na pessoa do seu campeão.

O apêlo melodramático do novelista Jack London, salientando, numa crônica emocionante que correu mundo, a imperiosa necessidade de corrigir a insolência bárbara do vencedor, e o amor-próprio dos desportistas norte-americanos, não sofrendo que um homem de côr se gabasse de primar num desporto identificado com a índole dos yankees, — tudo isto deu origem ao mais retumbante combate de *box* de todos os tempos.

Urgia, pois, castigar Jack Johnson no ring e humilhá-lo, tal como fizera a Tommy Burns, cruelmente, e de modo que o seu nome nem sequer viesse a figurar na lista dos campeões. Não que os americanos detestassem sistematicamente os pugilistas negros — e a prova está na admiração que sempre votavam a Geo Dixon, Joe Walcott e Joe Gans — mas pelo comportamento irregular anódino do preto de Galveston, vencedor de Tommy Burns.

Foi ainda Jack London quem apontou o nome do futuro representante da raça caucasica: Jim Jeffries, agora, à maneira de Cincinnati, entregou aos cuidados do campo e da lavoura. Esse jogador notável nunca havia sido vencido e retirara-se em 1904, abandonando o título que Tommy Burns, depois, chamou a si.

O tempo, inexorável, reduz tudo a proporções mais razoáveis e, por isso, o leitor não avaliará hoje o febril entusiasmo que contagiou o povo norte-americano, obrigando Jim Jeffries a deixar a calma das planícies do Oeste para a trocar pelos trabalhos duros do ring.

Este lugar é estreito para permanentizar os sucessivos aspectos do movimento popular que, liberalmente, arrancou Jeffries da solidão. Enfim, a 29 de Outubro de 1909, os dois atletas, já entronados campeões das respectivas raças, assinaram um contrato onde se estipulava combaterem, até 5 de Julho do ano seguinte, em 45 ou mais assaltos, dividindo a bolsa eventual na proporção de 75 por cento ao vencedor e 25 por cento ao vencido e fazendo ambos uma aposta pessoal de dez mil dólares.

Choveram propostas de toda a parte, subscritas pelos mais famosos organizadores. Primeiro, Hugo Mac Intosh ofereceu 55 mil dólares, sendo o local Paris. Depois vieram 70 mil dólares, de Galveston, terra natal do preto; 85 mil ofereceu Bat Nelson para um local no Nevada, e, por fim, Tex Richard chegou à cifra de 101 mil dólares, devendo a luta realizar-se em S. Francisco. De comum acôrdo, tanto Jeffries como Johnson decidiram aceitar a proposta de Richard, fixando-se em 60% e 40% as percentagens destinadas ao vencedor e vencido.

Jeffries cometeu então um êrro grave. Organizou uma «troupe» com 3 lutadores e percorreu grande parte do país fazendo exhibições e amalhando em 13 semanas cerca de 87 mil dólares. Mas, se o lado comercial foi esplêndido, o mesmo se não dirá do aspecto desportivo. Sujeitando-se ao desconforto dos hotéis provincianos, alimentação defeituosa e fadigas inúteis, bem melhor teria andado se aproveitasse o tempo na sadia vida do campo, ou nas serranias do Nevada.

Em Fevereiro de 1910, Jeffries iniciou a preparação. No relato das suas memórias, publicadas 25 anos mais tarde, o velho pugilista confessa a surpresa que o feriu após o primeiro treino: «em Rowardennan, ao saltar da mesa de maçagem, senti-me, como nunca, cansado e envelhecido. Compreendi, então que o tempo havia já principiado a sua obra devastadora...»

O grande golpe de machado, que abateria o moral de tão sólido lutador, não foi a certeza da sua decadência física mas a responsabilidade tremenda que foi investido. Um personagem célebre, e até há poucos anos, ainda, ditador do pugilismo no estado de Nova York, William Muldoon, eis o obreiro de tão nefasto acontecimento. Muldoon era uma figura imponente e um temperamento romano. Actor dramático de fluente oratória, incarnava na vida real

o personagem que lhe havia grangeado os melhores triunfos: Spartacus, o gladiador, da peça de Shakespear, numa voz de baixo profundo, que aterrava...

Muldoon visitou Jeffries no seu retiro e pintou-lhe vivamente o quadro das suas responsabilidades: a honra que a raça branca lhe dispensara nomeando-o seu campeão, as fortunas arriscadas no seu nome, o ridículo e a vergonha de todos se perdesse e a ignomínia atrada sobre o seu nome, após a derrota. Tudo isto declamado com pompa teatral, trágicamente, tombou sobre a cabeça de Jeffries, homem de poucas letras, qual cacetada inesperada.

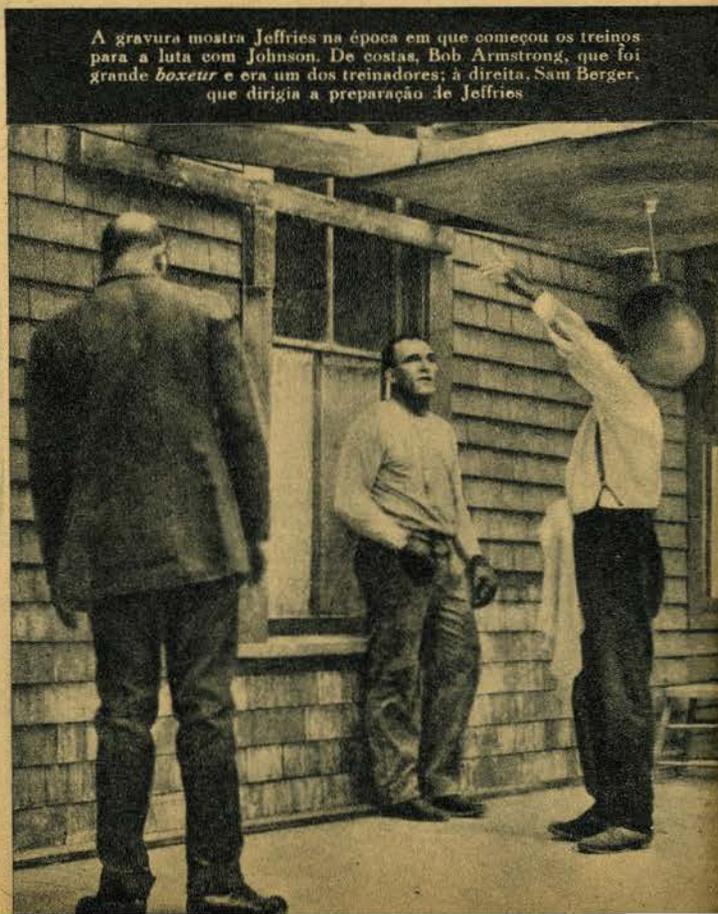
Como um espectro, o pobre homem viu sempre diante de si a figura de Muldoon e ouviu os seus apótemas, perseguindo-o sem cessar.

Por fim, para coroar a obra, chegou a notícia de que o governador Gillett proibira o combate no seu Estado da Califórnia, isto a dezasseis dias de vista da data escolhida. O campeão branco tinha uma fé especial na cidade onde colhera os seus melhores triunfos anteriores e tomou como azar a brusca mudança de local...

O sistema nervoso de Jeffries, profundamente abalado, sofreu com a mudança brusca de altitude e de clima. No dia 1 de Julho, um ataque de desintéria, proveniente das águas, sobreveio-lhe de repente. O irmão, Jack, procurou ainda adiar o encontro mas reconheceu a impossibilidade do facto. O campo de Johnson teve conhecimento do estado de Jeff e exultou, passando a cobrir todas as apostas. Ainda hoje um Sindicato do Oeste exhibe o famoso telegrama recebido no dia 3 e que tanta suspeita levantou. Resa assim: *Cover all Jeffries bets. Johnson is in, o que, em português, significa, pouco mais ou menos: «cubram todas as apostas a favor de Jeffries. Johnson está nisso.»*

Neste ambiente e estado de coisas chegou o dia do famoso combate.

(Continua)



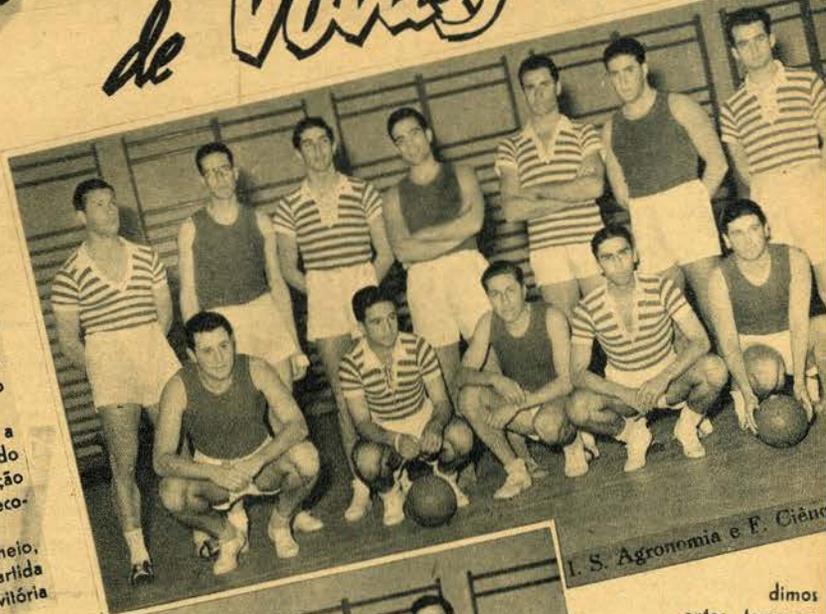
O Campeonato Universitário

de Volley-Ball

Após a segunda semana de actividade, o campeonato universitário de «volley-ball» não ofereceu nada perdido quanto à atribuição do título em compila, mas arrastado nas três noites público ainda mais numeroso ao amplo ginásio do Instituto Superior Técnico. Fez novamente excepção a jornada matinal de domingo, cuja inclusão no calendário foi mal inspirada — e a persistência em mantê-la é um lamentável erro dos organizadores. O encontro decisivo para o primeiro lugar da classificação, que opôs ao Técnico o I. N. Educação Física, valeu a pena ser visto e foi a melhor demonstração das qualidades espectaculares e atléticas do «volley». A assistência superior a um milhar de pessoas, vibrou continuamente com o dinamismo e emoção das jogadas, onde tanto animavam o vigor e oportunidade dos «mates» como empolgavam o arrojo e decisão das paradas.

Os jogadores «inelistas» foram os únicos que conseguiram a proeza de obrigar os «técnicos» a terceira partida, mas devendo reconhecer-se, sem prejuízo para o seu valor, que a exibição dos campeões, na partida que perderam, foi inferior e irreconhecível.

Na mesma sessão, inegavelmente a mais brilhante do torneio, a mais renhida e a única onde os três encontros chegaram à partida de desempate, assistiu-se ainda a outra proeza de realce: a vitória do grupo de Medicina, reduzido a cinco elementos, sobre a equipa no máximo da força do Instituto de C. Económicas e Financeiras. Houve na equipa vencedora um jogador com excepional inspiração, Henrique Anjos, que valeu por si e pelo ausente, e ainda pela confiança que inspirou aos companheiros. Agronomia e Ciências, que completavam o programa, tiveram luta equilibrada e luzida, embora menos emotiva para os espectadores, que, no encontro a que alu-



I. S. Agronomia e F. Ciências



I. S. Técnico e I. N. Educação Física

dimos antes, tomaram com calor, e como é lógico, o partido dos mais fracos, vibrando de entusiasmo com o seu triunfo.

O segundo lugar da classificação decidiu-se na sexta-feira, entre o INEF, favorito, e a Faculdade de Direito, cujas exhibições têm melhorado sucessivamente e onde actua o mais completo jogador do campeonato, José Maria Trocado. O encontro dos «advogados» com Ciências foi outra das boas

competições da prova, o mesmo se podendo dizer do jogo Ciências-INEF, em que o segundo venceu só à segunda partida.

Os resultados da semana foram:

- I. S. Técnico — I. S. Agronomia, 15-3, 15-1, com uma resistência dos derrotados que a pontuação não traduz.
- I. N. Educação Física — Belas Artes, 15-6, 15-0.
- F. Direito — F. Ciências, 15-11, 15-13.
- I. S. Técnico — I. N. Educação Física, 15-5, 7-15, 21-14.
- F. Ciências — I. S. Agronomia, 15-13, 13-15, 21-13.
- F. Medicina — I. C. Económicas e Financeiras, 12-15, 15-7, 21-16.
- E. S. Colonial — Belas Artes, 15-9, 15-12.
- F. Direito — I. C. E. Financeiras, 15-1, 15-12.
- Instituto Nacional de Educação Física — F. Ciências, 11-15, 15-5, 21-13.
- Instituto Superior Técnico — E. S. Colonial, 15-1, 15-1.
- F. Direito — F. Medicina, 15-10, 15-7.

JOSÉ DE EÇA



F. Medicina e I. S. Económicas e Financeiras

O COMÊÇO DA 2.ª VOLTA COMPLICOU O PROBLEMA

As linhas gerais dos encontros disputados — Vários pontos de vista sobre futebol

por TAVARES DA SILVA

O começo da 2.ª Volta podia, realmente, colocando um dos clubes (Belenenses) muito destacado, tirar um pouco do interesse ao torneio, sob o ponto de vista da *classificação geral*. Mas assim não aconteceu. O Belenenses foi uma vítima dos factos, no estádio do Lumiar. E os outros encontros, principalmente aqueles em que entravam os do pelotão da frente, decorreram em termos de, pelo seu desfecho, aumentarem o referido interesse. Os quatro desse pelotão caminham tão próximos uns dos outros que, por enquanto, não se consegue ver claro no horizonte. A escuridão substitui a claridade. O Sporting conta 16 pontos, mas a sua posição de n.º 1 não deixa de lhe dar grandes apreensões, porque Belenenses, Atlético e Benfica estão afastados do primeiro posto apenas por um ponto (15 pontos), um quasi nada. É bem de ver que, nestas circunstâncias, tudo poderá mudar num repente. Já aqui dissems outro dia que o *pósto de n.º 1* conheceria desta vez várias caras, em mutações provocadas pelo equilíbrio acentuado de algumas das forças concorrentes, e sua respectiva classificação.

Pode dizer-se que os quatro citados concorrentes se encontram nas mesmas circunstâncias e cada um com as mesmas probabilidades de triunfo, pois o certo é que o futuro reserva ainda para todos grandes escolhos e dificuldades. O próprio Sporting, que já ganhou em Olhão num dia de brisa fagueira, e que vai receber o Benfica em sua casa, lá para o fim da competição, tem obstáculos suficientes para encarar tudo que se vai passar muito a sério — e com as maiores preocupações.

Há que referir a boa posição em que se encontra o Olhanense, o que atesta a existência de valor sólido, e também o lugar ocupado pelo Futebol Clube do Porto, que expressivamente indica qualquer coisa de agradável, tendo-se em conta a chamada renovação do «team».

No grupo de 4 que se encontra na cauda destaca-se nitidamente o Vitória de Setúbal, e deve afirmar-se que esse facto corresponde a esforços visíveis para o clube se impor. O clube está numa fase de grande entusiasmo, assim se compreendendo que um *team* com pouco fundo, relativamente, seja o suficiente para todas as forças e energias clubistas, recalçadas em Setúbal, irromperam com maior vibração do que nunca. O Vitória regressa aos seus bons tempos. Pelo menos, assim parece.

Tôdas as atenuantes para o Belenenses

O Belenenses foi uma vítima dos factos, no Lumiar A. Como se não fora suficiente a falta de Amaro e José Pedro, obrigando a um arranjo *estranho* na linha dianteira, ainda se viu privado de uma unidade (Serafim) toda a 2.ª parte, e praticamente um pouco na primeira. Quantas vezes temos dito que, num jogo como o futebol, nunca se pode estar socegado. Porque uma queda ou um choque são mais do que suficientes para provocarem uma derrota. Que se passaria se o Belenenses estivesse completo até o fim da partida? Trata-se de uma hipótese que só cabe na imaginação. É possível que o Sporting conseguisse a vitória, mas o resultado seria *diferente*, e o Belenenses certamente daria a réplica em todos os momentos. Como não pôde fazer.

Dir-se-á: mas o que aconteceu é vulgar. São as contingências do jogo. Hoje por este — amanhã por aquele. E um torneio é um conjunto de encontros e de coisas que influem nos encontros, conjunto, mesmo, de sortes e azares. Evidentemente que é assim mesmo. Mas isso

não invalida reconhecer-se que o Belenenses teve uma série de azares que provocaram os 6-1.

Porque a verdade é que o Belenenses *cumpriu* até que Serafim jogou, tendo mesmo um período brilhante, com todos os jogadores em movimento e velocidade, traçando *desenhos* cujo recorte é já hoje segredo belenense.

Devemos dizer que o Belenenses se revelou melhor *team* que o Sporting em toda a primeira parte. Não por ter dominado inteiramente, ou sempre. A feição do jogo no aspecto *domínio territorial* foi de equilíbrio. Mas em tudo quanto fez, ao ataque ou na defesa, mostrou uma *com ciência* e uma certeza que faltaram no seu adversário.

A eficiência e mesmo a beleza do futebol são dadas pela *precisão da passagem*, curta ou comprida, e a qualidade *precisão* provém do jogo rasteiro, com a bola bem dominada, enviando-a para o sítio conveniente e tendo em vista o fenómeno da desmarcação. Ora o Belenenses obedecia a estas regras, recordando os seus passes em cima do terreno com a arte e a disposição própria dos seus elementos da frente, embora a linha dianteira se tivesse convertido do num amálgama inexpressivo (Rafael ao centro).

Em contra-partida, o Sporting passou os 45 minutos defendendo-se ou atacando (atacou várias vezes), em pontapés para o ar e passagens por alto, dos médios para os avançados, e entre os próprios avançados, provocando a confusão e o choque, e facilitando o trabalho defensivo da outra parte, numa demonstração de falta de *classe* que, ainda por cima, não chega a ser verdadeira. Parece impossível como não há um jogador dentro da equipa sportinguista que consiga impôr, quando necessário ou em fase de desnoiteamento no capítulo da *passagem*, o jogo rasteiro propício à combinação de esforços, a maneira de se chegar ao fim que se prossegue. Diremos, dando a idéia do que desejamos significar, que, no primeiro tempo, quanto a *quantidade*, o Sporting igualou mais ou menos o Belenenses. o mesmo não se podendo afirmar no aspecto *qualidade*.

Na segunda parte, as coisas passaram-se de modo diferente. O Sporting não ganhou no sentido do ataque, e mesmo na defesa, visivelmente de-organizada, mas acossou o adversário pela sua energia, caindo inteirinho sobre ele, obrigando-o a esforço prodigioso. Bem sabiam os *leões* que, mais tarde ou mais cedo, os belenenses teriam de ceder. Realmente, a meio do tempo, a sorte do encontro estava decidida. Os belenenses tinham ido mais além do que aquilo que era de esperar. Agora, cediam terreno a todo o pano. Em dois golpes, o Sporting realizou dois *goals*, um deles de um famoso remate do interior António Marques, um dos avançados portugueses de melhores pés.

O Belenenses ainda tentou reagir, com a *graça* dum bola na trave, mas depois succumbiu de vez. O que se passou em seguida não merece nem descritivo nem referência. Coisas que não têm expressão. O Sporting conseguiu três pontos, como poderia ter conseguido mais — ou menos. Nesta altura, o conjunto belenense tinha-se como que desmoronado, vendo-se apenas os defeitos dos jogadores pela submersão de todas as suas qualidades. O chamado *estado agudo* de desorientação...

O Sporting parece com preparação física à altura das circunstâncias. Que a técnica dá mostras de estar a falhar, sobretudo no capítulo da defesa, batida com uma facilidade que começa por certo a dar dores de cabeça aos homens do Sporting. Mas o *team* tem estrutura para resistir aos vendavais, o que é, afinal, uma das coisas que importa em torneios de duração

— que se ganham a maior parte das vezes pela *resistência*.

Em referência ao *team* belenense, queremos significar extraneza da colocação de Rafael no eixo do ataque, que demonstra má visão a respeito das qualidades do excelente jogador.

Os nítidos progressos do Vitória (Setúbal)

O Benfica venceu o Vitória de Setúbal como estava previsto. Mas o que não estava previsto, constituindo, portanto, agradável surpresa, era a resistência oferecida pelo Vitória, e mais, a sua expressão de ataque, viva, enérgica, de *bom futebol*.

E aqui vem ao de cima mais uma vez o extraordinário poder deste torneio, que se chama *campeonato nacional*, como professor ou explicador de futebol. Um *team* aprende mais num ano de concurso, dentro da prova, do que numa quinzena de anos da sua vida perdida em competições necessárias, mas de reduzida importância.

O Vitória jogou esplendidamente, fazendo os seus ataques em passes rasteiros, de unidade para unidade, e desmarcação para desmarcação. Qualquer dos seus homens revelou a faculdade do preciso toque na bola e a ciência suficiente para o jogo de desmarcação sem a qual tudo resulta inútil.

Sendo assim, como é que o Benfica venceu por 5-3, depois de estar a ganhar 4-1, números que traduzem superioridade e descanso (mais aparente do que real) no decorrer da partida?

— Pelo sentido *essencialmente prático* do seu futebol. Pela exploração das oportunidades. Sempre que estas apareceram não deixou de surgir um pé na exploração do seu rendimento. É, de resto, já temos reparado noutras circunstâncias, uma das características do Benfica, que marca muitos *goals* em detalhes (Julio é espantoso neste aspecto, havendo ainda que contar com Teixeira), em pormenores, em jogadas que parecem não ter finalidade, nem delas resultar perigo. É por isso que toda a atenção é pouca. O avançado deve lembrar-se a todo o momento que o defesa poderá falhar ou descuidar-se um pouco, cumprindo-lhe aproveitar essa falha ou descuido.

Isto não significa que não julgemos o Benfica mais grupo do que o Vitória (Setúbal), vendo-o pela sua solidez, maior experiência, e como equipa sempre de temer, agitando-se quando necessário, poupando energias quando possível. Pretendemos tão somente assinalar os progressos do Vitória, que se exhibe como equipa que sabe o que está a fazer, igualando a luta. O *team* setubalense conseguiu 4-3, e por aí se ficou — como poderia ter ido mais alem. Foi um belo vencido!

Um grupo já com a categoria dos grandes «teams»

O Atlético continua a fazer a demonstração clara do seu insofismável valor. Ficamos sabendo que a equipa já confia em si, sendo capaz de conquistar um triunfo num golpe em profundidade. Cada vez o *team* tende mais para o *jogo rectilíneo*, sóbrio de passes, sem espectáculo, mas admirável sob o ponto de vista prático. O desejo da equipa é adextrar-se para o *futebol de competição* e não para o *futebol exibição*. O treinador é perentório quando afirma querer o *jogo prático* de passe em profundidade, mas encontrar-se o grupo ainda longe da perfeição quanto à execução integral do seu pensamento.

Foi este poder ofensivo que venceu o Salgueiros. Porque a verdade é de dizer. O Salgueiros forçou a marcha do encontro de modo a dominar durante largos períodos do jogo, instalando-se na grande área dos lisboetas. Mas estes nunca perderam o sangue frio, e aqueles nunca o encontraram em frente das redes para fazer aquilo que parece mais fácil mas que é o mais difícil: *goal*.

A serenidade com que o Atlético suportou a tempestade, defendendo uma vitória preciosa que — certo, certo — nunca esteve praticamente ameaçada, diz-nos, além de tudo, que o grupo está a adquirir a *categoria dos grandes teams*.

Os desafios de Coimbra e Olhão

O *team* dos estudantes entrou nesta época com o pé do *azar*, pois a verdade é que várias desgraças lhe têm caído em cima. Suportadas estoicamente. Assim, a equipa vai perdendo jogos e possibilidades de afirmar-se. No fundo —

!(Continúa na pág. 15)

O BALANÇO DE UMA ÉPOCA

Algumas notas complementares

MAIS um falecimento a registar — o do dr. Agostinho da Campos, ilustre professor universitário, distinto escritor, polígrafo eminente e dos mais notáveis filólogos portugueses. Em qualquer destas manifestações do seu belo talento, foi, sobretudo, um grande educador. Dentro da sua longa e valiosa obra educativa havia um lugar de afeição para o desporto. Num livro excelente, «Casa de pais, escola de filhos», deixou conceitos de apologia para a educação física da mocidade. E deixa um filho que marcou posição de relvêo no desporto — António Antas de Campos, antigo nadador, jogador de «water-polo» e director do Clube Nacional de Natação.

A família do ilustre extinto, e especialmente a António Antas de Campos, apresentamos os nossos sentidos pésames.

HÁ equipas em que a melhoria de valor parece resultar do seu esforço — a custa de outros clubes. Noutras, dá-se o contrário. O Olanhense constituiu um belo exemplo — a tal respeito. Com o mesmo grupo, os resultados são diferentes. Isso quer dizer que a subida de forma resulta da sua melhor preparação. É assim que se progride — e que se triunfa.

O desporto cria uma popularidade que resiste por vezes à marcha dos anos. Há ainda pouco tempo que pudemos observar novamente esse facto. Um velho amigo e antigo desportista regressou de longa viagem, por terras distantes. Pois o seu nome não chegou a esquecer. E é natural que não esqueça facilmente.

Não é, evidentemente, a mesma popularidade de quando pisava campos de desporto. Mas é ainda alguma coisa — como prova de um prestígio ganho à custa de muito esforço dispendido generosamente.

DEVE ser difícil apurar com rigor as causas de uma série de fracassos. Não seria por isso tarefa simples procurar saber a razão por que a Associação Académica não consegue, no campeonato nacional desta época, um lugar correspondente ao valor global da sua equipa. Não há por certo quem o tenha registado ao facto, entretanto.

E, todavia, provável que para a má classificação tenham contribuído duas coisas — o reforço do grupo com jogadores que estavam pouco treinados e a frequente troca de lugares na linha avançada. A equipa não entrou ainda na fase de pleno rendimento. Mas é susceptível de causar alguma surpresa...

MERECER destaque, pelo seu elevado significado moral, a recepção que o Sport Lisboa e Benfica dispensou ao Olanhense, com o pretexto da sua vinda a Lisboa. E o carácter afectuoso da recepção não quebrou o entusiasmo da luta, durante o jogo. Batalharam do mesmo modo — mas com mais correcção. Esta recepção é um exemplo de boa camaradagem. Devia ser sempre assim — adversários valorosos no terreno da luta e amigos dedicados logo que as provas findam.

O torneio universitário de «volley-ball» continua a decorrer com entusiasmo pouco vulgar em provas entre estudantes. Prosseguem, pois, bem, os Jogos Desportivos Universitários. Oxalá que o entusiasmo inicial sirva de garantia para o êxito final da iniciativa.

OS trabalhos preparatórios para a construção da piscina do Pôrto, no Palácio do Cristal, segue os trâmites do costume. Neles figura a inclusão da verba orçamental nas despesas camarárias previstas para o ano corrente. Essa verba é de 800 contos. Já há, portanto, dinheiro. É, pois, de esperar que não fiquemos desta vez — em projectos...

O balanço publicado nesta revista, há semanas, acerca da época natatória do verão passado, exige, para resumir e traduzir o trabalho de todo o ano findo, algumas notas complementares para integração de vários resultados obtidos nas provas de inverno, no quadro geral dos melhores «tempos» de 1943.

As provas do período invernal abrangem duas organizações na piscina do Estoril — o festival em benefício da Misericórdia de Cascais, e as quatro séries em que se subdividiu o torneio de Inverno do Estoril-Praia. O torneio do Estoril-Praia foi já comentado aqui e pouco haveria a dizer, se quizessemos analisá-las também. Mas o objectivo deste artigo é extrair, das duas organizações que animaram a piscina do Estoril durante um mês, os resultados que marcam qualquer progresso, ou que modificam as notas incluídas no balanço da época de verão.

Notamos, entretanto, que as provas de Novembro e Dezembro últimos acabaram de revelar o valor do Estoril-Praia como núcleo de natação, sob a direcção competente de Alberto Azinhal dos Santos. Para dar mais vibração às provas faltou a comparação do Algués, que tem no Estoril-Praia o seu rival mais directo. O significado técnico dos resultados obtidos tem, pois, de ser analisado de dois modos — pela correcção do estilo e pela comparação dos «tempos» com as melhores «marcas» da temporada oficial. É talvez mais monótono. Tem, no entanto, outro realce.

As provas de infantis têm de ficar sem referência no balanço, visto que nelle incluímos apenas, para não alargarmos a série de artigos, as provas de extensão e estilo mais espalhadas. Neste grupo destacou-se Salvação Barreto, do Estoril, vencedor dos 33 metros livres de costas, respectivamente em 20 s. $\frac{9}{10}$ e 24 s. $\frac{5}{10}$, e José de Almeida Figueiredo, também do Estoril, vencedor dos 33 metros bruços, em 27 s., e segundo classificado nos 33 metros livres e de costas, em 22 s. $\frac{8}{10}$ e 27 s. Na esteira destes dois concorrentes, seguiram-se Carlos Campanela, do Nacional, segundo na prova de bruços, e José Manuel Rato, do Alhandra, terceiro nos 33 metros livres. A estafeta de 3x33 livres, interessante para revelar o «fundo» de valores dentro de cada clube, provocou luta de certo equilíbrio, principalmente entre o Estoril e o Nacional. A média de cada percurso, na equipa vencedora, ficou em 26 s. $\frac{2}{10}$, o que não é nada mau.

Luiz Leça Chalupa passou a principiante, por ultrapassar o limite de idade para infantis.

As provas femininas

Destacaram-se Hety Heyman, do Estoril, vencedora de três corridas e segunda na outra, e Ana Linheiro, do Belenenses, com um triunfo e três segundos lugares.

Hety Heyman fez, nos 100 metros livres, o segundo «tempo» do ano (1 m. 27 s. $\frac{2}{10}$), continuando Maria de Lourdes Bessone Basto, do Algués, à frente, com 1 m. 26 s. $\frac{8}{10}$. O valor da proeza de Hety é posto em relvêo com a anotação de que o «récord» de juniores está em 1 m. 28 s. Nos 400 metros livres, a nadadora do Estoril, com 7 m. 4 s., superou o resultado obtido por Maria de Lourdes de Bessone Basto, no campeonato nacional (7 m. 38 s. $\frac{1}{10}$), mas a actual campeã da distância correu a prova à-vontade, por não ter competidora. Hety Heyman conquistou também o melhor «tempo» de 1943 nos 200 metros de bruços, com 3 m. 44 s. $\frac{1}{10}$, não obstante ter havido luta rija no respectivo campeonato nacional, entre Rosa Lopes (3 m. 47 s. $\frac{2}{10}$) e Ilda Raposo (3 m. 47 s. $\frac{1}{10}$). Hety bateu, pois, o «récord» de principiantes, que está em 3 m. 49 s.

Rosa Lopes, do Atlético, correu adoentada, não passando do segundo lugar, com 4 m. 6 s. $\frac{1}{10}$.

Ana Deniz Pinheiro ganhou os 100 metros costas, em 1 m. 39 s. $\frac{8}{10}$. Não ultrapassou a «marca» de Maria de Lourdes Bessone Basto (1 m. 36 s. $\frac{1}{10}$), nem o «récord» de juniores, também de Maria de Lourdes, em 1 m. 36 s. $\frac{2}{10}$. Mas ela e Hety Heyman (1 m. 41 s. $\frac{1}{10}$) ba-

teram o «tempo» de Maria Isabel Costa, de Coimbra, antiga campeã e «recordwoman» da distância, pois esta nadadora ficou em 1 m. 44 s.

Os homens

As provas masculinas são analisadas no conjunto de categorias.

Nos 100 metros livres, Mário Simas, que reapareceu em excelente forma, fez o melhor «tempo» de 1943 — 1 m. 1 s. $\frac{6}{10}$; e Mira Gomes, que baixou ao segundo lugar não atingiu o resultado obtido no campeonato nacional (1 m. 7 s. $\frac{2}{10}$), visto que não pas-ou de 1 m. 7 s. $\frac{6}{10}$. Francisco Ribeiro Salgado, do Estoril, com 1 m. 10 s. $\frac{7}{10}$, bom sem dívida para a sua categoria, ficou além do décimo lugar, das melhores classificações. Nos 4x100 livres fez o Estoril 4 m. 41 s. $\frac{1}{10}$, à média de 1 m. 10 s. $\frac{2}{10}$.

Mário Simas não entrou em nenhuma prova de 200 metros livres. Francisco Ribeiro Salgado, com 2 m. 39 s., entrou para o terceiro lugar, à frente de Rodrigo Bessone Basto, do Algués (2 m. 39 s. $\frac{1}{10}$). Merecem registo ainda os «tempos» de Fernando do Carmo e Carlos Azevedo Júlio, também do Estoril (respectivamente 2 m. 46 s. $\frac{8}{10}$ e 2 m. 48 s.). O Estoril-Praia ganhou a estafeta de 4x200 em 10 m. 34 s. $\frac{8}{10}$, o que dá a média de 2 m. 38 s. $\frac{7}{10}$, superior ao resultado que apontamos para Francisco Ribeiro Salgado.

Os 400 metros livres constituíram a maior surpresa do torneio — e maior surpresa haveria por certo se Mário Simas tomasse parte na prova. Mira Gomes fez 5 m. 36 s. e 5 m. 35 s. $\frac{1}{10}$, e ganhou duas vezes a Joaquim Baptista Pereira, mas sem bater o melhor «tempo» do campeão alhandrense (5 m. 34 s. $\frac{3}{10}$). Francisco Ribeiro Salgado, com 5 m. 53 s. $\frac{6}{10}$, e Fernando do Carmo, com 5 m. 56 s. $\frac{2}{10}$, ambos do Estoril, interpuzeram-se entre Mira Gomes e Jorge de Carvalho (5 m. 58 s.), para ficarem em 3.º e 4.º lugares na respectiva lista. O Estoril tem um magnífico lote de nadadores para 400 metros livres.

Júlio Mendes da Silva, do Estoril, ganhou os 100 metros de bruços em 1 m. 25 s., longe, portanto, dos 1 m. 23 s. $\frac{1}{10}$ de Joaquim Baptista Pereira, do Alhandra. O campeão nacional dos 200 metros bruços manteve, pois, o segundo lugar nos 100 metros, no qual figurava com 1 m. 25 s. $\frac{2}{10}$. Eduardo Câmara e Sousa, com 1 m. 25 s. $\frac{2}{10}$, e George Bleck, com 1 m. 26 s. $\frac{1}{10}$, ambos do Estoril, ultrapassaram Afonso Gonçalves (1 m. 27 s.). Tomou, portanto, maior vulto a supremacia do Estoril, nesta prova.

Os 200 metros bruços caracterizaram-se pela fraqueza dos resultados. Júlio Mendes da Silva, que tinha averbado, na respectiva lista, 3 m. 6 s., e que fizera 3 m. 3 s. $\frac{2}{10}$ numa prova com desclassificação, não foi além de 3 m. 15 s. Eduardo Câmara e Sousa (3 m. 17 s.), Carlos Azevedo Júlio (2 m. 19 s. $\frac{7}{10}$), Vitor Sampaio e Castro (3 m. 20 s. $\frac{1}{10}$) e Manuel Ferreira Moniz (3 m. 20 s. $\frac{1}{10}$), ficaram, respectivamente, em sétimo, nono, décimo e undécimo lugares. Fizeram, no entanto, melhor «tempo» que o «récord» de principiantes (3 m. 10 s. $\frac{7}{10}$).

Mário Simas, que já tinha o primeiro lugar na lista dos 100 metros costas (1 m. 12 s. $\frac{2}{10}$), baixou o «tempo» para 1 m. 10 s. $\frac{2}{10}$. Com João Mira Gomes deu-se coisa idêntica — manteve o segundo lugar e passou de 1 m. 17 s. $\frac{19}{10}$ para 1 m. 16 s. $\frac{8}{10}$. Artur Mendes da Silva, também do Estoril, mantendo embora o terceiro lugar, fez pior resultado (1 m. 20 s. contra 1 m. 19 s. $\frac{7}{10}$). Além destes nadadores, há a notar que Joaquim Baptista Pereira conseguiu, nesta prova, 1 m. 23 s., em estilo fácil, com «viragens» à Kieffer, como Mário Simas, mas saindo mais da «viragem» em crawl de frente.

Nos 200 metros costas, Artur Mendes da Silva, com 2 m. 57 s. $\frac{10}{10}$, não chegou ao seu «récord» nacional de juniores (2 m. 54 s.); e Joaquim Guerreiro Roque, também do Estoril, fez 3 m. 18 s. $\frac{7}{10}$ batendo assim o seu «récord» nacional da categoria, estabelecido em 1943, com 3 m. 26 s. Manteve-se, pois, a posição relativa de ambos. — MÁRIO DE OLIVEIRA



Enérgica entrada de Feliciano sobre Mourão, que Varela Marques parece seguir com surpresa...



Salvador segura um remate perigoso, com A. Marques já próximo. Serafim cobre a entrada de Mourão



Arrojada defesa de Salvador aos pés de António Marques!

Em cima: Simões conseguiu desarmar Peyroteo e Serafim vai aliviar de cabeça, perante a "indiferença" de Gomes. Cruz prepara-se para o que der e vier

AO ABRIR A 2ª VOLTA...
o SPORTING isolou-se
no 1º lugar da classificação
vencendo expressivamente o BELENENSES!

Em baixo: Uma combinação entre Peyroteo e o hábil Albano, que Varela Marques e Feliciano se esforçam por cortar



O desespero de Teixeira ao perder a oportunidade de um bom remate...



Um belo instantâneo, que nos mostra como foi feito um dos "goals" do Vitória



Martins defende a sôco uma "cabeça" que Rodrigues ainda conseguiu tirar

Qual o acontecimento desportivo mais importante e qual o melhor atleta de 1943?

SABER SE qual o acontecimento desportivo mais importante do ano e qual o melhor atleta de 1943 — eis duas perguntas que formulámos há pouco aos leitores da «Stadium», com fundamento em dois inquéritos da maior actualidade e interesse público: dois inquéritos simples, afinal, para que toda a gente está habilitada, nas suas bases gerais, conforme então se disse. E que estavam dentro da razão — quanto à oportunidade de tais perguntas — prova-se pela circunstância de logo terem começado a receber-se várias respostas, algumas, até, bastante curiosas, apesar de prevenirmos que somente a partir do dia 15 de Janeiro começaríamos a sua recepção e consequente publicação.

As opiniões divergem. E nem podia deixar de ser... Porque cada pessoa tem a sua preferência — quer no que respeita ao melhor atleta de 1943, quer no que se refere ao acontecimento mais importante do ano. Por exemplo: nos acontecimentos, registam-se os *campeonatos nacionais de atletismo* (é uma ideia como qualquer outra); o *combate de «boxing» Levi-Peiró*, no Campo Grande, que atraiu, segundo um concorrente, a maior assistência da época a competições desportivas; o *Portugal-Espanha em bilhar*; e a *recepção feita aos jogadores do Benfica, quando da sua chegada a Lisboa, depois de conquistarem em Coimbra o título máximo do futebol nacional*; os *dez minutos finais do desafio F. C. do Porto-Benfica, do actual campeonato nacional de futebol*, encontro esse disputado no estádio do Lima por entre extraordinária emoção; *as diversas fases por que o F. C. do Porto passou, quanto às oscilações do seu «team» de futebol através de uma temporada cheia de incertezas; a criação da Direcção Geral dos Desportos; a vitória do Belenenses no campeonato de Lisboa de futebol, as Jornadas de Propaganda Desportiva, organização triunfante do «Diário de Notícias»; o triplice triunfo conquistado por Jorge Oom em competições de esgrima (sabre, florete e espada); e a participação da equipa portuguesa de remo nos campeonatos ibéricos, disputados em Espanha.*

Quanto aos melhores atletas da temporada, recolheram-se os nomes de *Mourão* (o melhor avançado português de futebol), *Beni Levi*, *José Pedro*, *Agostinho Guedes*, *Amaro*, *Azevedo*, *Correia Barrento*, *Mário Simas*, *José Carvalhosa*, *Matos Fernandes*, *Peyroteo*, *Albano* (a mais firme revelação do futebol português), *Fernando Lourenço* e *Jorge Oom*.

Alguns dos «seletores» justificaram a sua preferência. Assim o sr. António Duarte Lima, de Lisboa, entende que o melhor atleta foi Agostinho Guedes, pelas suas vitórias internacionais, as quais o guindaram ao primeiro plano do «boxing» europeu, sendo, ainda, algumas delas, classificadas como dos melhores combates que se têm disputado em Portugal; mas a par de Guedes coloca também outros nomes, como os de Correia Barrento, pelos seus belos triunfos em Madrid, e Mário Simas, merecendo-lhe particular interesse o tempo de 1 m. 9 s., nos 100 metros, estilo de costas, alcançando quando da sua viagem à Alemanha, e que é, na verdade, uma excelente «performance». E o sr. Mário Guerra Ferreira Borges, do Porto, esclarece que o acontecimento desportivo mais importante do ano foi o de 26 de Dezembro, no estádio do Lima, quando o F. C. do Porto, depois de uma brilhante primeira parte, acabou por empatar, estando mesmo em sérios riscos de sair derrotado.

O sr. Manuel António Santos Ortigão de Oliveira, do Porto, escreveu-nos uma carta extensa, mas interessante como afirmação de fé clubista:

«Escrevo-lhe no limiar do ano, para responder ao vosso interessantíssimo inquérito. E, para mim, o facto mais importante de 1943, no que respeita ao desporto, foi a fase de

«oscilação» por que passou o F. C. Porto. Vencedor foigado do campeonato regional de 1942-43, apenas com um empate com o Académico, entrou para o campeonato nacional com esperanças, legítimas ou não, ao caso não importa. Mas o clube, com «team» de futebol em período de renovação, começou muito mal: 0-4 com o Belenenses! O jogo foi mau e a crítica também não favoreceu a equipa, pois considerou, com certa injustiça, o futebol portuense em crise! A seguir, porém, reabilitou-se diante do Sporting (2-2) mas merecendo ganhar; depois, vieram os «desastres»: 2-12 com o Benfica, 2-6 com o Unidos de Lisboa e 3-4 com o Unidos do Barreiro (os dois últimos jogos aqui, no Porto), factos estes que de certo modo desmoralizaram os associados, os jogadores e os próprios dirigentes. Culpa-se tudo e todos! Tomou-se, contudo, uma resolução «heróica», e veio Lipo Herckza para treinador... E a seguir, quando tudo iria prever o clube na final da Taca de Portugal, veio a derrota de Setúbal (0-7, um horror!) com o Vitória. Este ano e logo no princípio da época, havia 18 jogadores; sonhavam-se derrotas e o ambiente era péssimo, descrevendo-se de tudo e de todos. Mas a estrela no regional foi auspiciosa e o Académico «encaixou» 9-0; depois, 10-9 ao Leixões. Então deu-se o milagre... O F. C. do Porto, clube de gloriosas tradições no futebol português, venceu, só com triunfos, e brilhantemente, o campeonato regional! Os sócios passaram de 1800 para 4000. Nunca houve tanto entusiasmo como agora; o clube vai bem «lançado» no campeonato nacional e a sua situação financeira não é de todo má, em face de circunstâncias anteriores. Tudo isto num só ano! Para mim, «portista» ferrenho, acho que é o maior acontecimento do ano, e espero que o F. C. do Porto volte a ocupar lugar primacial no futebol português. Nunca se fez tanto em tão pouco, e nunca tão poucos por tanto...»

Esta carta, como se vê, reflecte dedicação clubista e merece tornar-se conhecida. Aqui a deixamos, para exemplo. Se todos assim fizessem, ou pelo menos pensassem como o sr. Ramalho Ortigão de Oliveira, estari resolvida, em princípio, a crise de alguns clubes... E, do que se infere, o nosso inquérito tem oportunidade e serve para manifestações como esta. Ainda bem.

* * *

Publicam-se, a seguir os resultados desta primeira fase de consultas — receberam-se 315 respostas, até à altura de fecharmos estas notas.

No entanto, atendendo a que continuamos a receber respostas, não obstante havermos dito que o respectivo prazo se encerrava no passado dia 29, resolvemos prolongar aquele prazo e aceitar os «votos» dos nossos leitores até 14 do corrente.

Basta apenas indicar qual o acontecimento desportivo mais importante do ano e qual o melhor atleta de 1943, num simples postal, endereçado à redacção da «Stadium».

O resultado que se apurou até agora consta da lista seguinte:

Acontecimento	
Vitória do Belenenses no campeonato de Lisboa de futebol.....	182 v.
Combate de «boxing» Levi-Peiró.....	58 »
Portugal-Espanha em bilhar.....	37 »
Jornadas de Propaganda Desportiva..	12 »
Recepção ao Benfica.....	10 »
Campeonato Ibérico de Remo.....	4 »
Tríplice vitória de J. Oom em esgrima	4 »
Renovação do F. C. do Porto.....	4 »
Campeonatos nacionais de atletismo..	3 »
Dez minutos finais do F. C. Porto-Benfica.....	1 »

315 v.

BASKET-BALL

Carnide e Lisgás bons vencedores da 2.ª série de jogos do campeonato de Lisboa

DISPUTOU-SE na semana passada a segunda série de jogos do Campeonato de Lisboa de Basketball, a qual assistiu o sr. dr. Aysia Botto, Inspector dos Desportos.

Os clubes dirimem entre si a classificação, pois a maneira como é disputado este campeonato deve pesar bastante no ânimo de jogadores e dirigentes, visto que qualquer deslize pode acarretar ao respectivo grupo prejuízos apreciáveis, como seja o de descida de divisão. Algués, Atlético, Carnide e Unidos seguem já destacados do Belenenses, Lisgás e Sporting, seus competidores mais próximos, seguidos imediatamente do Benfica e Campo de Ourique; os restantes formam a cauda, em igualdade de pontos. É cêdo ainda para vaticínios, nem este mesmo é o fim em vista; queremos apenas fazer notar o interesse que o desenrolar da competição deve trazer.

Das exhibições feitas até agora, só o Carnide e o Lisgás se mostraram mais iguais nos dois encontros efectuados, embora o último tenha saído derrotado na primeira jornada, — porque o Algués foi superior, apesar de tudo.

Analisando mais em pormenor os encontros disputados segundo a ordem por que se efectuaram, verificamos que o jogo disputado entre o Benfica e o Campo de Ourique pode considerar-se dividido em dois períodos distintos: o primeiro, caracterizado por nítido domínio técnico do C. A. C. O., traduzido na vanagem de onze pontos; e o segundo, pela reacção dos «encarnados», que puzeram em prática jogo rápido e de poucas hesitações, factos que influíram no resultado em favor do Benfica. Fugna com altos e baixos, de períodos de interesse e de acalmia relativa, ambos os contendores não desenvolveram os recursos de que são capazes.

O C. A. C. O., exibindo jogo de boa técnica, teve momentos de indecisão que anularam por completo o esforço dos seus jogadores; já aqui firizámos o facto de o «basket-ball» ser um jogo de movimento, portanto vivendo da rapidez das jogadas, sendo prejudicialia todas as passagens demoradas que os jogadores possam efectuar; de tal facto só beneficia o adversário, pois permite-lhe melhor colocação na defesa e pronto contra-ataque, que o levará rapidamente ao cêdoto.

Foi o que se observou na passada terça-feira; o Benfica, aproveitando esse fraco do adversário, soube anular a sua energia, não tirando da possibilidade que estava, mercê também da má colocação da defesa contrária, e, ao final da segunda parte, deixou os extremos «encarnados» absolutamente à vontade.

Algués-Maria Pia foi um encontro de pouco interesse, devido ao desnível de forças; apesar disso, o Algués não soube repetir a exhibição que fez em face do Lisgás e o resultado do jogo não tirou da sua possibilidade.

O Sporting, frente aos campees nacionais, fizeram exhibição algo meritória; mesmo nos momentos em que estes impuzeram a sua melhor classe, souberam responder em toda a que, sem grandes alardes de técnica deram a este encontro o primeiro lugar dos efectuados no dia 25.

Também a diferença de classe deu a vitória do Unidos sobre o Operário, que o resultado não traduz com fidelidade, em virtude da pouca eficiência dos marcadores do grupo vencedor e do apêgo à luta do grupo vencido.

O Rio Sêco, batendo-se com o Atlético, fez uma primeira parte brilhante, dado o desnível de valores em luta. Replicou e impôs por vezes ao adversário jogo que a falta de sorte não deixou coroar de êxito. O Rio Sêco não conseguiu manter esta toada até ao fim; na segunda parte, o Atlético manobrou à vontade, em demarcações constantes, que ludiam a defesa contrária e sucessivamente se traduziam em pontos, mercê dos excelentes lançamentos dos seus marcadores. Vitória justa dos campees de Lisboa, aceite com espirito desportivo pelos vencidos, que nunca deixaram de contra-atacar.

A melhor partida desta série foi a disputada entre o Lisgás e o Belenenses, visto ter colocado frente a frente valores sensivelmente iguais.

O Lisgás, vencendo de forma brilhante, pôs em acção toda a sua vontade para reduzir a desvantagem de pontos que entrou no campo. Jogo vistoso e entusiasta, empenhados com alma pelos seus jogadores, que antecederam a todos os ataques do adversário, souberam transfor o encontro em verdadeira partida de campeonato.

Já o mesmo não pode dizer-se do Belenenses, que não soube aceitar de boa mente o valor do seu adversário. Empregando jogo duro, e por vezes mesmo violento, viu na expulsão de Câmara e Sousa, que poucos minutos esteve em campo, o primeiro aviso para mudar de tática. Persistindo na mesma toada, verificou-se no segundo tempo a saída forçada de Esteves. A falta destes dois elementos consolidam a posição de vencedor do Lisgás, que a arrancada final dos «azuis», no declinar do encontro, não conseguiu diminuir.

JOÃO ASSUNÇÃO

Atleta	
Beni Levi.....	64 v.
Adolfo Mourão.....	54 »
Agostinho Guedes.....	44 »
Mário Simas.....	38 »
João Azevedo.....	31 »
José Pedro.....	25 »
Mariano Amaro.....	22 »
Albano.....	9 »
Fernando Peyroteo.....	7 »
Matos Fernandes.....	7 »
Fernando Lourenço.....	5 »
Jorge Oom.....	4 »
Correia Barrento.....	2 »
Alves Carvalhosa.....	1 »

315 v

O campeonato nacional de xadrez e a personalidade dos jogadores

NÃO obstante o desenvolvimento progressivo da modalidade, persistem, aparentemente insolúveis, os problemas da regularidade e orgânica do Campeonato de Portugal.

Tais problemas podem não afectar grandemente a boa marcha da prova, mas indubitavelmente o seu prestígio sofre com esta falta de método. O «caso» de Braumann, que está intimamente ligado às disposições da orgânica do torneio, urge solucionar-se. Mais: impõe-se cuidadosa revisão dos regulamentos, alterando-os, se preciso fôr. A realização do campeonato corresponderá então à importância que deve ter.

O torneio que ontem se iniciou é, a bem dizer, a 5.ª edição da prova. Vários factores contribuem para o rodear de interesse inédito, dissimulando assim as deficiências que exhibe ainda, e que oportunamente apontaremos.

Tem a valorizá-lo, em primeiro lugar, a participação do jovem campeão português, que a pesar de não contar mais de 15 anos de idade e pouco mais de 3 de tabuleiro, bateu os seus mais destacados contrários e conquistou o título de campeão do Porto.

O elenco do torneio, que continua a ser rigorosamente seleccionado, apresenta este ano a seguinte constituição: Carlos Pires, Gabriel Russel, dr. Gabriel Ribeiro, Francisco Lupi, João Mário Ribeiro e Peter Braumann. Este último limita-se a concorrer na sua qualidade de Mestre da nossa Federação, pois não pode disputar o título, visto não ser de nacionalidade portuguesa.

Braumann, Pires e Lupi constituem o trio mais homogêneo que poderíamos formar. A luta que travarão entre si deve ser digna de ver-se, principalmente a que Lupi sustentará contra Pires — sem dúvida os favoritos da prova.

Qualquer deles têm já as carreiras repletas de inúmeros triunfos: Carlos Pires, que desde muito novo se dedica ao xadrez, venceu em 1936 o Campeonato de Lisboa, facto que lhe proporcionou o título de Mestre, obtido no ano seguinte com a primeira classificação do Torneio de Mestres; em 1941 ganhou o «Torneio de Verão» e, finalmente, em 1942, conquistou o título de campeão nacional — justo prêmio de um belo esforço.

Francisco Lupi obteve em 1938 os galardões das três categorias do Grupo de Xadrez de Lisboa e manteve o título máximo daquela colectividade até 1943 — data em que Rui Nascimento lho arrebatou. Foi momentânea essa fraqueza: dois meses volvidos é campeão de Lisboa e candidato a Mestre — título que merece, incontestavelmente.

As características dos dois brilhantes xadrezistas são consideravelmente diferentes. O estilo de Carlos Pires é profundo mas sóbrio

— a calma é a qualidade predominante e, por conseguinte, o jogo é seguro e de resultados mais práticos. Lupi, mais novo, é porventura um estilista mais enérgico. A base do seu jogo constitui o ataque e a combinação. Queremos contudo acreditar que o seu estilo está sendo enriquecido por uma noção mais nítida do «jogo posicional» — o que tornará a sua classe verdadeiramente temível. Se de facto o jovem campeão lisboeta lograr conduzir as jogadas com espírito de concepção mais ampla da Partida, estamos certos que conseguirá ascender sobre Carlos Pires.

As características do jogo de Peter Braumann assemelham-se um tanto às de Francisco Lupi, mas nas concepções da teoria das aberturas diferem. Braumann é mais fantasista; aos sistemas superiormente divulgados prefere aberturas pouco exploradas, valendo-se deste trunfo para abalar o moral do adversário, propondo-lhe linhas de jogo para ele desconhecidas, e, por isso mesmo, perigosas. Ora esta tática poderá conseguir muitos êxitos, mas também é susceptível de fracassar ingloriamente, principalmente quando o antagonista é decidido e não recia os «mistérios» de tais variantes...

Deve acentuar-se que Braumann não é só um estilista; possui intuição que fazem dele um dos nossos melhores jogadores de xadrez. A sua carreira é curta mas está já assinalada com magníficas vitórias, como as do campeonato do Instituto Superior Técnico, 1938/40; Campeonato de Lisboa, 1941; e Torneio de Mestres, em 1942.

Os restantes competidores — dr. Gabriel Ribeiro, João Mário Ribeiro e Gabriel Russel — foram outro trio igualmente homogêneo, mas que supomos não ser tão forte como aquele a que já nos referimos.

A inscrição do dr. Ribeiro, que há muito não víamos em actividade por motivo de doença, é aceite com viva simpatia por parte daqueles a quem foi já dado admirar a sua extraordinária intuição, que lhe valeu grandes triunfos, como por exemplo no «Torneio da Páscoa, 1937», Campeonato de Lisboa e o «Torneio de Verão», em 1938.

Gabriel Russel é o único competidor que defrontou já o jovem campeão português. Da primeira vez que se encontraram (II Porto-Lisboa, 1943), João Mário levou a melhor pelo «score» pouco expressivo de 1 1/2 a 1/2. A carreira de Russel é longa mas quasi desconhecida, pois o apogeu da sua força coincidiu com o tempo em que o xadrez tinha menor movimentação. Em 1933, Russel classificou-se em 2.º lugar num importante torneio, do qual participaram os maiores valores contemporâneos — facto que lhe valeu a promoção a Mestre. O seu comportamento é bastante irregular, com boas e más classificações, como sucedeu nos «Torneios de Verão», em 1939 e 1942, nos quais ganhou os primeiros prémios.

Sobre João Mário pouco sabemos, tão curta se apresenta a sua carreira. A entrevista que concedeu há pouco à «Stadium» salienta uma particularidade: iniciou-se aos 11 anos e aos 14 é campeão. O salto foi demasiado brusco, talvez, e as consequências mais presumíveis não são de molde a garantir-nos comportamento à altura das possibilidades que certos admiradores, pouco realistas, não hesitam em conferir-lhe. Mas uma coisa é certa: tem valor, muito valor, incontestavelmente.

Aguardemos a conclusão do campeonato agora em curso para então nos pronunciarmos sobre as exhibições deste valoroso conjunto.

VASCO C. SANTOS

Dr. Fernando da Cruz Ferreira

Após prolongada ausência, encontra-se de novo em Lisboa o nosso querido amigo dr. Fernando da Cruz Ferreira, médico distinto e desportista de real valor, que honrou «Stadium» várias vezes com a sua colaboração. Congratulando-nos pelo seu regresso, apresentamos-lhe os nossos sinceros votos de felicidades.

No bom caminho, finalmente!

VAI FUNDAR-SE A ASSOCIAÇÃO DE LUTA DE LISBOA

MUITA tinta gastámos a falar da luta greco-romana, quer nas colunas desta revista, quer pela rádio. Não damos felizmente, por mal empregado o tempo. Tudo se vai harmonizar, sob o signo do «novo!»

Em números anteriores da «Stadium» dissemos da nossa intenção em promover uma reunião de clubes, com o fim de estudar a maneira de fazer ressurgir o boníssimo desporto.

É natural que os nossos leitores tenham estranhado o silêncio subsequente. Mas o caso explica-se. Soubemos que os clubes praticantes da modalidade tinham sido convocados pela Federação Portuguesa, representada pelos srs. Vasco Ribeiro e Franklin Pereira, respectivamente presidente e secretário-geral, para uma reunião destinada a tratar do futuro da luta. Logicamente, aguardámos. Ninguém melhor e com mais direitos do que a Federação se deveria ocupar do magno problema. E que procedemos em conformidade com o bom senso, provam-no os factos que se seguiram. Assim, podemos anunciar que vai fundar-se a Associação de Luta de Lisboa e que a Federação se extingue. Por quê? O Decreto-Lei n.º 32.241, de 5 de Setembro de 1942, determina no artigo 21.º: «Os clubes desportivos podem agrupar-se em associações e estas em federações, constituindo hierarquias próprias em cada modalidade desportiva. § 1.º — Não poderão constituir-se em associação menos de três clubes, mas poderá haver federação de duas associações». Saltamos ainda ao § 3.º: «As federações e associações, ou organismos equivalentes existentes à data da publicação deste regulamento, que não satisfizeram ao mínimo fixado no § 1.º, devem reorganizar-se dentro do prazo de doze meses; se o não fizerem, considerar-se-ão dissolvidas, revertendo os seus bens em favor de instituições desportivas indicadas em assembleia geral, ou, na sua falta, das designadas pelo ministro da Educação Nacional.»

Vejam, portanto: pode haver associação, porque existem mais de três clubes praticantes da luta. Não pode existir federação, porque só Lisboa, infelizmente, consegue satisfazer o exigido no parágrafo primeiro do artigo 21.º. Como o organismo existente à data da publicação do Decreto era a Federação, que havia quasi quatro anos não dava acôrdo de si, houve finalmente que, permitia-se-nos a expressão, tocar a reunir, para escapar ao determinado no citado parágrafo terceiro.

No Ateneu Comercial de Lisboa efectuouse, pois, uma reunião, da qual saíu nomeada uma comissão, composta pelos delegados do Lisboa Ginnásio, Ateneu e Sport Clube do Intendente, com o encargo de elaborar o projecto dos estatutos da futura Associação de Luta de Lisboa, que ficará portanto a substituir a Federação Portuguesa de Atletica e Luta.

A referida comissão desempenhou-se já do seu mandato, devendo ter-se realizado outra reunião para discutir a redacção daquêles estatutos.

Vai entrar-se em franca actividade. E podemos assinalar com júbilo o regresso do Ginnásio Clube Português à prática da modalidade, da qual incompreensivelmente se havia alheado. Serão considerados fundadores da A. L. L. o Lisboa Ginnásio, Ginnásio Clube, Ateneu Comercial, Sport Clube do Intendente e Grupo Desportivo dos Tabacos.

Logo após a aprovação dos estatutos pela Direcção Geral dos Desportos, respectiva instalação do novo organismo e eleição dos corpos gerentes, proceder-se-á, em cerimónia especial, à distribuição dos prémios dos campeonatos de há quatro e cinco anos e realizar-se-ão competições dotadas com os seguintes prémios: «Vasco Ribeiro», uma só prova, e outra englobando as taças «Ginnásio Clube Português», «Ateneu Comercial de Lisboa» e «Lisboa Ginnásio Clube».

E por hoje é tudo — que muito é já, chegando para nos congratularmos pelo ressurgimento do belo desporto que é a luta.

D. L. M.

LUGAR AOS NOVOS

(Conclusão da pág. 3)

em 1943, a qualidade da esgrima praticada não foi má. Sei que há valores e isso não admira, porque possuímos excelentes mestres de armas.

«Os esgrimistas antigos já «duraram» bastante. Venham os novos! Dêmos-lhe ocasião de se evidenciarem!»

«Ao passado brilhante, mercê do qual o nosso País se impôs no conceito universal, deve suceder um futuro ainda melhor. A proeza não me parece difícil. Basta ir buscar os valores onde quer que eles se encontrem, agrupá-los, dirigi-los no bom caminho, fazer o possível por lhes facilitar a tarefa!»

«É necessário conseguir também completo entendimento entre as salas. A Federação deverá organizar provas em moldes modernos, mais interessantes, difundir o gosto pela esgrima em todo o País e adquirir material.

«Mas aquilo que sobretudo se impõe — é a mobilização de valores. E de gente nova. Lugar aos novos!»

Assim findou o sr. Mário de Noronha as suas judiciosas considerações.

REINALDO MONTEIRO

TENIS de MESA

A terceira eliminatória do torneio da taça «Stadium» provocou mais três baixas entre os concorrentes que tinham atingido essa fase da interessante prova. O Campo de Ourique, o Belenenses (B) e o Técnico (F) não puderam evitar segunda derrota — e foram juntar-se ao Ateneu Comercial. Belenenses (A), C. E. R. de Arroios e Técnico (A). E das cinco equipas que contavam por vitórias os jogos disputados, só duas — Benfica (A) e Combatentes — continuaram nessa privilegiada situação. Vê-se, portanto, que a terceira «ronda» da prova causou profundos efeitos nas aspirações das equipas, fornecendo a impressão de que o elevado número de concorrentes deixava prever.

Os seis encontros da jornada de terça-feira da semana passada decorreram, como os anteriores, com grande interesse e animação, não obstante os vaticínios sobre os seus resultados não se apresentarem muito difíceis, de tal modo que a nossa previsão — de que continuariam na prova dez equipas — foi totalmente confirmada. Não é de surpreender o entusiasmo registado, dadas as características da competição, em que a derrota é de consequências fatais.

Os encontros da terceira «ronda» forneceram os seguintes resultados:

- Combatentes, 3 — Sporting (A), 1
- Liberdade, 3 — Técnico (F), 1
- Benfica (B), 3 — Técnico (C), 1
- Sporting (B), 3 — Belenenses (B), 1
- Técnico (B), 3 — Monte Pedral, 1
- Benfica (A), 3 — C. de Ourique, 0

A vitória do Benfica (A) sobre o Campo de Ourique é naturalíssima e não apresentou dificuldades para os «encarnados».

A do Sporting (B) sobre a melhor formação do Belenenses (o «team» B) justifica-se também alinharam Cardoso e Gouveia.

Entre os Combatentes e o Sporting (A) podia esperar-se resultado mais nivelado, dada a constituição das duas equipas. Mas nos «leões» só Feio está a dar o seu melhor rendimento e isto justifica o «score». Claro que é preciso contar com o valor do clube da rua do Possolo.

O Monte Pedral ofereceu boa resistência ao Técnico (B), e o Benfica (B) e Liberdade ganharam normalmente.

O sorteio dos encontros da 4.ª eliminatória teve lugar na última quinta-feira e deu o seguinte resultado:

- Benfica (B) contra Liberdade, no Sporting
- Técnico (B) contra Monte Pedral, no Liberdade
- Técnico (D) contra Sporting (B), no Combatentes
- Benfica (A) contra Técnico (C), no Monte Pedral
- Sporting (A) contra Combatentes, no C. E. R. Arroios

Há três encontros — os que apontámos em primeiro lugar — que dão três eliminações, pois a saída do Liberdade, Monte Pedral e Técnico (D).

Os outros dois podem dar igualmente a eliminação dos segundos; uma é tida como certa, a do Técnico (C); a outra é mais duvidosa, pois o facto de Combatentes ter derrotado a melhor formação do Sporting não quer dizer que não se verifiquisse ontem o contrário.

O sorteio para a quinta eliminatória está marcado para hoje, à noite, na sede da A. T. M. L. e os jogos efectuar-se-ão depois de amanhã.

- Tee-Tee
- 1 — Belenenses B; 2 — C. E. R. Arroios;
 - 3 — Técnico F; 4 — Combatentes; 5 — Técnico C; 6 — Monte Pedral.

(fotos C. Madeira)



a Competição da TAÇA «STADIUM»



A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



O UNIÃO FUTEBOL SESIMBRA EM FESTA: 1 — Este simpático clube desportivo tem estado em festa. Do respectivo programa destacou-se a concorrida sessão solene, efectuada na última semana, presidida pelo sr. presidente da Câmara Municipal e para que foram expressamente convidados o director da «Stadium» e os nossos colaboradores Tavares da Silva e dr. Salazar Carreira, que proferiram interessantes palestras sobre desporto. A gravura mostra o dr. Guilhermino de Matos, nosso director, saudando o U. F. Sesimbra. O ANIVERSARIO DO CLUB NAVAL; Joaquim Leote, comodoro do C. N. L. (2) e Frederico Burnay (3) discursaram no momento da homenagem a Frederico José Burnay, fundador do clube; 4 — Os sócios do C. N. L. que receberam prémios; 5 — O pequeno António Pons procede ao «baptismo» do novo yole-mer; 6 — Os sócios do C. N. L. reunidos no tradicional banquete, para o qual tiveram a gentileza de convidar a «Stadium».

(fotos C. Madeira)



SESIMBRA 20 11



6

REVISTA DA SEMANA

O homem é impulsivo por natureza... Certas reacções nervosas, forçam às vezes as pessoas a cometerem actos que, mais tarde, raciocinando com ponderação, trazem arrependimentos.

Deve reconhecer-se também que o factor ambiente pesa muito na nossa vontade, determinando gestos e atitudes que não estão de acordo com a maneira habitual de proceder — inconveniente que nem todos conseguem vencer, por maior esforço que façam.

Mas também o factor educação tem grande preponderância na exteriorização de sentimentos. Quem nasceu ou foi educado dentro de bons princípios, não manifesta o seu sentir da forma como o fará quem não conheceu ou aprendeu as boas regras do civismo.

Sendo assim, o maior grau de cultura, posição social ou ascendência moral, determinam um somatório de preceitos que levam naturalmente à correcção individual — que não se pode esperar, regra geral, e muito menos exigir, de quem não possui os alicerces de formação educativa modelar.

Como lógico corolário, a falta de civismo ou de compostura é muito mais de lamentar e criticar quanto mais apurada for a cultura e a posição de qualquer indivíduo perante a colectividade ou meio em que exerce a sua acção.

Assim, o que pode ser relevado, ainda que até justos limites, em homem de mentalidade reduzida ou de pouca cultura, não pode ser perdoado, melhor, não pode ser consentido a quem tem noção exacta das responsabilidades que pode assumir por um gesto, uma frase, uma atitude menos razoável, extemporânea. Tal irresflexão pode gerar factos condenáveis, cujas conseqüências nem sempre podem prever-se.

Lemos um dia, algures, e não nos esqueceu mais, que se mais forte aquele que domina o seu animo do que quem vence cidades... Que atenem nesra máxima todos os que esquecendo o que devem a si e à sua categoria social, podem, com actos imponderados, ser causa próxima de fortes prejuizos.

MÁRIO AFONSO

HANDBALL

Questões Técnicas

O jogo Pôrto-Vilanovense para a taça «Ferraz Carneiro», que terminou pela vitória do grupo campeão nacional, proporcionou-nos matéria para comentários na questão da arbitragem.

Embora o encontro tenha sido dirigido por um excelente juiz de campo, algumas interpretações das leis foram desviadas da sua finalidade — o que é dever destacar, pelo duplo motivo da categoria do árbitro e do efeito que pode ter no campeonato regional.

Examinemos:

1.º — Os passos. — Não vimos, como infracção à regra 5, que os jogadores vilanovenses Sousa e Serafim tivessem transportado a bola mais que os três passos, e cujas faltas eram, por coincidência, assinaladas no momento de remate. Esta aplicação de castigo, quando sistemática, coage o fãtoso à irritação, com a agravante de ter «atravessado o campo» impunemente.

2.º — A infracção à regra 16. — Mais de uma vez, em situações de lançamento à baliza, o executante dos castigos era punido por «deslocação dos pés» ou por «calcar a riscas». Recordamos deste «critério» — quasi sempre a corrigir a «barbaridade» (permita-se nos o termo) da primeira punição. Um erro não justifica outro.

3.º — A repugnância dos castigos de 13 metros — Na 1.ª parte do citado desafio, o jogador X recebeu um encontro violento dentro da grande área. Ou porque o resultado ainda se mantivesse em 2-2, ou porque foi perto da linha de deslocação, escondeu-se o rigôr do castigo a aplicar e, colocando a bola fora dessa

Actividade da «M. P.»

COMEÇAM a movimentar-se as modalidades desportivas na «Mocidade Portuguesa». É grande o interesse que envolve os próximos torneios, como demonstram exuberantemente as inúmeras inscrições de filiados, animosos na preparação e disputa de toda a espécie de desportos, equilibradamente condicionados pelos regulamentos da Organização.

Entre outros, o remo está em franco incremento. Segundo informações que reputamos fidedignas, o número de inscritos nesta bela modalidade é de cerca de 80 — número deveras prometedor e que dará margem à constituição de boas equipas. A orientação é das melhores e Fernando Barbedo está na di-posição de treinar os seus rapazes de forma a marcarem, uma vez mais, boa posição nos campeonatos nacionais. Oxalá que todos saibam seguir dedicadamente as indicações do competentíssimo «mestre» Barbedo.

O trabalho do Vilanovense

O Vilanovense não pára na sua missão. Gostaríamos de ver outros clubes progredirem tão acentuadamente como o faz este grupo da segunda divisão, orgulho da sua terra. O Vilanovense é dos poucos que sabe o que quer. Na sua senda nada esquece — nem os desprezados da sorte, aos quais, ainda há pouco tempo, ofereceu uma consagrada que ficou memorável, sob todos os aspectos.

Está agora a organizar a sua secção de ciclismo. Cremos que a confiará a José Pinheiro Júnior, um nome que pode significar muito para o novo «er-ruta» no desporto do pedal.

Habilmente, Ferraz Carneiro e os dirigentes do simpático clube vão-nos levando ao grau de valimento que cautelosa mas sistematicamente desejam atingir — e que pode servir de exemplo a outras colectividades para as quais parece existir uma só finalidade: jogar futebol...

Dedicação

HÁ dívidas que não se pagam... Mas a ingratidão pesa muito na boa vontade de quem deseja bem servir.

Capas Penedo e Leonel Pinho são dois

área, o árbitro concedeu apenas um livre. Há, evidentemente, errada interpretação. Se o árbitro julgava que o castigo máximo era demasiado — não devia aplicar nenhum, para não perder a sua autoridade.

Lamentamos que o espaço não nos permita mais observações. As agora apontadas servem para corrigir outros árbitros em casos idênticos — e frequentes, infelizmente.

LEME

homens a quem o ciclismo nortenho muito deve, sob vários aspectos. É tempo de se lhes prestar a homenagem a que têm jús, destacando o esforço destes dois «sacrificados». Embora por vezes mal compreendidos, nem por isso esse esforço deixa de ser prestado com o ardor de sempre. Até agora não vimos fazer melhor.

Acêra de Alberto Augusto

TEMOS visto muitas afirmações sobre a possível — ou pretensa — saída de Alberto Augusto do Vitória de Guimarães. Nada se sabe ao certo, mas é possível que a semana em decurso forneça algo de positivo sobre o caso.

Alberto Augusto também já falou, mas aguarda-se o seu regresso a Guimarães para se chegar a conclusão precisa, isto é, que o discutido futebolista concretize, em definitivo, a sua posição.

Parece-nos, porém, que Alberto Augusto não sairá do Vitória. Os motivos que poderiam ter levado ao seu afastamento talvez já estejam resolvidos a favor da sua colectividade. Depois, o treinador tem já alguns anos de convivência com a «sua gente» — e não é assim, sem razão forte, que se perde o amor a uma luta de tantas épocas.

Demais, pode suceder que tudo tenha certas finalidades, que não pomos em equação por não desejarmos profundar o assunto. Pode ser que no momento em que escrevemos já tudo esteja arrumado. Mais uma razão para ficarmos por aqui. O próprio Alberto Augusto terá ponderado o caso e muito embora sejam de tentar os convites possivelmente feitos, não esqueceu que os vimaranenses o estimam e reconhecem o seu esforço.

(Conclui na pág. 15)

CORPORAÇÃO
MINEIRA
INDUSTRIAL,
LIMITADA

OFICINA DE
SEPARAÇÃO
DE MINÉRIOS-
FUNDIÇÃO

OFICINA
VILAR DO PINHEIRO
LOGAR DA ESTAÇÃO
TELEFONE V. P. 85

ESCRITÓRIOS
P. DA LIBERDADE, 128, 4.º
PORTO
TELEFONES 357 e 2031

A VITÓRIA DO ESTORIL SOBRE O BARREIRENSE

surpreendeu pela nitidez do «score»

O programa da oitava jornada do Campeonato Nacional da II Divisão cumpriu-se à risca. Na maioria dos vários agrupamentos está-se na «cambalaria final», que o mesmo é dizer que os concorrentes queimam os últimos cartuchos, desejosos de passar à fase imediata da competição.

À elevada marcação de «goals», que tem sido uma das principais características do torneio, atinge no último domingo o máximo. Anote-se que houve dois resultados de 11-1 — e logo aqui temos 24 pontos.

A surpresa do dia foi dada pela vitória expressiva do Estoril sobre o Barreirense. Nos restantes encontros só podiam causar reparos os «scores», porque desfechos a contrariar previsões quasi não houve.

No grupo A

O F. C. Famalicão — o clube da série 1 mais em evidência — folgou. O Gil Vicente ganhou a um Sporting de Fafe que parece em declínio e os «leões» de Braga deram muito que fazer ao S. C. Vila Real. Entre os dois mais fracos — o Vianense e o Vizela — um empate.

O Leixões e o Boavista foram os clubes da A. F. P. que obtiveram «scores» mais altíssimos. O Leça ganhou pela tangente ao Vilanovense e o Académico, no seu campo, consentiu que o Ramadense empatasse. A rivalidade Coimbra-Beira manteve-se. Em cada sub-divisão deste grupo, são «leaders» — Famalicão, Académico, Leça e Leixões.

Grupo B

A Sajoanense voltou a obter um resultado bom: 5-2 ao Beiramar, no campo deste. A Oliveirense, em frente do Sporting de Espinho, interrompeu a série de vitórias. E o União de Lamas ganhou pela diferença mínima à Ovarense, o que parece significar melhoria do «team» vencido.

Entre os grupos de Coimbra só houve o jogo Anadi-Sport, que terminou com os «teams» empatados. O Académico de Vizeu venceu o Vouzeirense por 11-1, o que não surpreende, dada a má conta que o vencido tem dado de si ultimamente.

O Sporting da Covilhã, contentando-se este ano com resultados pouco expressivos, lá vai caminhando com segurança.

O Portalegrense derrotou o Estrela por 5-1 — um resultado que se afigura desaielado para o valor das suas equipas.

Grupo C

A dificuldade do Fósforos, no seu campo, perante o Olivais; o desaire do Onze Unidos do Montijo, em frente ao Operário; e a vitória expressiva do Estoril, são factos a realçar. Porque a nitidez do triunfo nidista de Lisboa sobre o Marvilense, a réplica do Torrense ao F. Benfica e a derrota da Casa Pia, em Arrentela, são coisas normais.

Na série II, o Unidos do Barreiro ganhou folgadoamente a um Lusoe contreraneiro, que deve ter alinhado desfalcado, porque os dirigentes do clube vencido prezam

Notas... sem valor...

DEVIDAMENTE documentado e com guias para a cidade Invicta, chegou aqui, vindo de terras longínquas do Império, um rapaz «escuro», de boa presença, formas atléticas e, ao que dizem, com larga prática de «sporter», em Luanda, nas lides do futebol. Tratou do «stress» um conhecido desportista que, de cá, foi para lá... Em face de certos e «tendenciosos» boatos, postos a correr por «mal intencionados», o F. C. do Pôrto, destinatário do futuro ás — Simão — é a sua graça — precaveu-se e mandou um próprio aguardar a chegada da «remessa» ao cais. Sem avaria grossa de qualquer espécie, a «maravilha», como já por si se diz, entrou finalmente os muros da cidade tripeira e deu socôgo aos inquietos...

— Simão está na berlinda. Entra-se na «Brasileira» e fala-se de Simão; sai-se da «Brasileira» e fala-se no Simão. O Simão foi ao clube receber cumprimentos; o Simão treinou e deslumbrou a assistência; o Simão fez, aconteceu — e para não fugir à regra falou à imprensa desportiva, por intermédio do fixe «Zé da Vide». Cabia aqui certa história — mas fica para a outra vez...

— Talvez a esta hora já se saiba qualquer coisa acerca das delícias que um conhecido dirigente do Salgueiros efectuou em Lisboa, com o fim de resolver a falta de um treinador no seu clube — situação agravada com a saída de Mário Silva. Apontam-se dois nomes: Gilberto e Pireza. Parece, todavia, que o assunto tem os seus «quês» e que não será resolvido com a rapidez desejada. A «gente» do clube mostra-se impenetrável...

— Parece a-sente, se não se verificou já, a presença do defensor Cerqueira nas hostes do seu antigo clube — o Salgueiros. «Balanceando-se» entre este e o Famalicão, julga-se que a aproximação entre os dois agrupamentos proporcionou a resolução do assunto, com vantagem para os «encarnados».

muito a disciplina, o Seixal aproveitou bem o facto de jogar na sua terra para vencer o Gimnásio do Sul, que tem sido uma revelação, e o Amora não foi adversário para o Chelas.

Grupo D

Entre os clubes do Balco Alentejo e do Algarve, só a vitória do Sport Lisboa e Faro sobre o Louletano pode causar estranheza, porque os «encarnados» de Faro estão habituados a perder.

O Lusitano de Évora e o União de Beja venceram, respectivamente o Montemor e o Moura, limitando-se a confirmar prognósticos. — ZÉ DO PEÃO.

Reuniu-se a assembleia geral do

SPORT ALGÉS E DAFUNDO

que decorreu com elevação e aprovou um voto de louvor à «STADIUM»

CÉRCA de duas centenas de associados compareceram na assembleia geral do Sport Algés e Dafundo, efectuada, na noite do último sábado, no magnífico salão de festas — futuro ginásio do clube — recentemente concluído.

A convocação da assembleia rodeou-se de curiosa expectativa a que o «caso» Mário Simas dava especial relevo. Mas, ao fim e ao cabo, a reunião constituiu um excepcional motivo de orgulho para o clube, pairando alto e dignamente toda a virtude e honrosa actividade que sempre tem norteado os fins desportivos do prestigioso Sport Algés e Dafundo.

O lamentável caso, tratado com largueza no relatório, foi pormenorizadamente esclarecido pelo presidente da direcção, sr. dr. Brazão Antunes. Da sua palavra fluente, da sinceridade da sua exposição e do entusiasmo comunicativo que imprimiu ao relato dos factos, nem ao de leve ficou pairando no espirito da assembleia a melhor ideia da menos razão disciplinadora que, em tal emergência, impuseram os dirigentes do Algés.

A discutida acção de um punhado de nadadores ficou demonstrada, sem prejuizo da bela virtude do Algés e Dafundo: o amadorismo. E, muito a propósito, sobe-se a realçar que, após a derrota de alguns dos seus melhores elementos, o Algés continua ou na vanguarda dos clubes de natção, conquistando a melhor parte das provas a que tem concorrido.

Toda a reunião se passou entre aplausos à direcção. Evocaram-se velhos tempos, recordaram-se figuras antigas, que ao Algés deram o melhor do seu esforço e dedicação, e destacaram-se qualidades e virtudes que sobressaem a colectividade.

Mas, mesmo assim, para de maior virtude se rodear esta reunião, tentou-se contemporizar na ideia da expulsão, pretendendo-se dar ensejo a que alguns dos elementos em foco regressassem ao seio da colectividade onde se fizeram desportistas. E então, na mesma comunhão de ideias, a assembleia e os dirigentes conceberam uma proposta que traduz espirito de transigência e conciliação, destinada aos componentes do grupo dissidente menores de 21 anos, aos quais se concederam 15 dias para enviar à direcção uma declaração de compromisso de não representarem outro clube.

Aprovou-se depois o relatório, exposição extensa da actividade do clube, bem como um voto de louvor à imprensa, e em especial à «Stadium», e elegem-se os novos corpos gerentes, que com ligeiras alterações são os mesmos elementos dos anteriores, tendo a presidência o sr. dr. Brazão Antunes.

Quando a assembleia dispersou — já no Tejo se adivinhavam os primeiros alvares da manhã — em todos havia a nitida compreensão de quanto amor clubista e quanto elegância de ideias desportivas se encontram dentro do Sport Algés e Dafundo, para seu maior prestigio e engrandecimento. E a reunião valeu por isto — pelo exemplo de disciplina que aos novos legou.

O COMEÇO DA 2.ª VOLTA

(Conclusão da pág. 6)

uma perda sensível para o próprio futebol português.

Pese aos 3-1 e ao forçado arranjo que se viu obrigada a apresentar em Santa Cruz, a Académica portou-se regularmente, tendo até um período francamente de bom futebol, na 2.ª parte, deslustrado no entanto, pelo terrível mal que tantos danos produz e que se chama falta de remate.

O team do Pôrto, com a volta de Guilhar e uma distribuição de valores sem fantasias (C. Dias ao centro), tem personalidade suficiente — mais uma vez o demonstrou — para resistir aos momentos difíceis. O grupo realizou, na sua maneira hábil e, por assim dizer, suave, jogadas do melhor recorte futebolístico, chutando às redes as vezes necessárias para nunca estar em embaraços, ou com preocupações sobre o desfecho da luta.

A vitória do Olanhense contra o grupo de Guimarães, em Olhão, tem o ar mais natural deste mundo, sendo obtida por assim dizer desde o primeiro pontapé. Aos 10 minutos 2 a 0, a favor do Olanhense e a confiança absoluta no futuro. Essa confiança permitiu que o team olgario agisse como um só bloco, com perfeição

A jornada das balizas vulneráveis

A terceira jornada do campeonato de Lisboa, correspondente ao domingo passado, foi caracterizada pela grande quantidade de pontos marcados; disse-se que os grupos jogaram com as balizas desguarnecidas, tamanha foi a sua vulnerabilidade.

Em seis encontros celebrados obtiveram-se 78 pontos, o que significa a média de 13 pontos por encontro; apenas um, Unidos-Benfica, ficou muito abaixo da média e talvez isso signifique que os processos defensivos empregados foram os mais irregulares e censuráveis. Jogado dentro do verdadeiro espirito das regras, o handball é uma modalidade de copiosas marcações; entre nós, os defensores usam e abusam do sistema de agarrar aproveitando a complacência dos árbitros que mostram acentuada repugnância pela aplicação das grandes penalidades, e assim conseguem impedir a acção dos atacantes com evidente prejuizo do interesse da pugna.

Se nada há a acrescentar à simples indicação dos 18-1 que o Estoril infligiu ao Internacional, tão grande é a disparidade de valores, muito extraordinário parece em contrário o resultado de 11-7 entre o Helenense e o Marvilense, levando em conta a presença de Delino nas redes dos «azuis». Esta derrota é para os rapazes de Marvilla um incontestável testemunho de progresso.

O Sporting e «Os Treze» repetiram, um tanto inesperadamente, o seu embate amigoso de antigos tempos de rivalidade; os «leões» ganharam por 9-6, mas não nos repugna escrever que teriam passado amargos de boca se o guarda-redes «trezista» houvesse podido na perrelinha de castiçal entrar-se aos avançados adversários não, regra geral, culposos, manancial de perigosos lançamentos livres, agravada a sua influência no rendimento da equipa pelo abuso dos batimentos de bola antes de a passarem aos companheiros da frente.

Pela segunda vez, consecutiva, o grupo dos jogadores que forçado a incluir no grupo de honra dos jogadores de Marvilla já participado no encontro de reservas. Não contraria o clube com jogadores bastantes para constituir duas equipas?

Também o Unidos se serviu de um jogador para os seus dois encontros. Estas anomalias liquidam-se legalmente com o simples pagamento de uma multa, o que nos parece bastante anormal de uma multa, e os preceitos higiénicos actualmente em vigor a orientação superior do desporto português.

Na salvaguarda das conveniências dos jogadores parece-nos que o assunto require providências e devia pura e simplesmente ser proibido.

O desafio mais categorizado da jornada, pelo equilíbrio presumido de forças, após o Unidos ao Benfica mas só em parte correspondeu à expectativa. A vitória dos «Unidos» foi difícil e esteve mais em riscos de fugir-lhes do que ser confirmada, mas a exibição técnica de ambos os grupos ficou muito abaixo de quanto se esperava.

O Unidos estragou parte do encontro com exagero das próbex, sistematicamente aplicados mesmo no meio do campo e em jogadas sem perigo que nada justificavam o emprego de recursos à margem da lei. Por seu lado, o Benfica jogou em andamento retardado, sem alma, acordando apenas nos minutos finais, quando sentiu ao seu alcance a recuperação da vaniassem que o antagonista tomara no primeiro tempo.

Assistimos neste encontro a um incidente curioso e incompreensível: a meio do segundo tempo caiu por terra aparentemente maguado um jogador do Unidos; interrompeu-se o jogo e, ao cabo de algumas manobras infrutíferas, foi levado em braços para fora do campo, mal, porém, ultrapassou a linha branca, por-se de pé e seguiu milagrosamente curado, sem a mínima claudicação, a caminho do vestiário depois de alguns minutos de palestra à beira do terreno com outro jogador benfiquense que, pouco, antes fora expulso por agressão.

ESSECÉ

de movimentos, caindo no alaque ou descansando na defesa, com um todo, brilhando a grande grande altura, a sua linha mestra, a linha avançada, durante certo tempo.

Porque, em certa altura, ludidos com a sua fácil superioridade, os algavios abrandaram de velocidade, pondo, porventura, menos empenho na luta do que seria para desajar, tanto bastando para o Vitória (Guimarães) crescer, dificultando a vida do seu adversário — que, só no período final do desafio voltou a ser o verdadeiro Olanhense.

ANO XII — Lisboa, 26 de Janeiro de 1944 — II SÉRIE-N.º 60

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

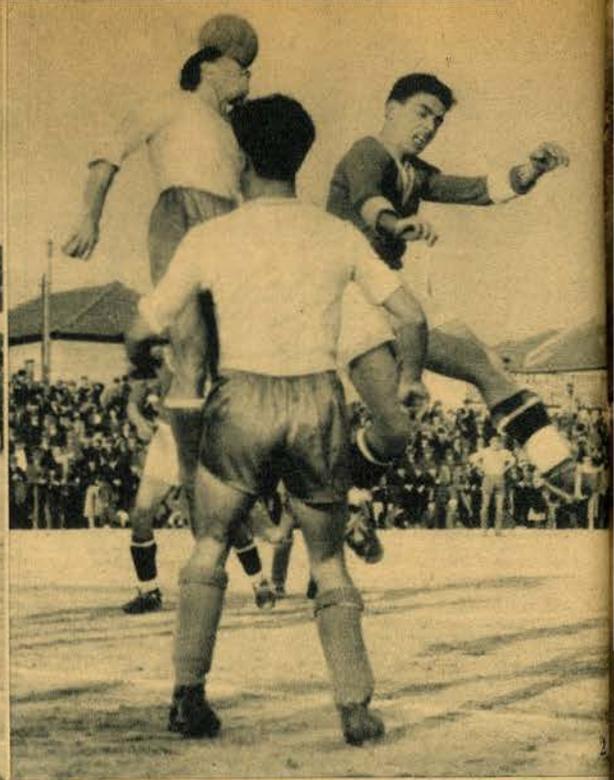
Propriedade da
SOCIÉDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Stadium

NO PORTO: 1 — Situação difícil para as redes do Atlético; 2 — Investida do Salgueiros detida a tempo pela defesa lisbonense (fotos Hermann) EM COIMBRA: 3 — O único ponto dos estudantes, marcado por António Maria; 4 — A troca de saudações entre os directores do F. C. Porto e Académica; 5 — Barrigana em acção. (fotos M. Carvalho)

